



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

**Efeitos dos Fatores Cognitivos e Psicológicos em
Ambiente de Praxe Académica na Intenção
Empreendedora:
Um Estudo Aplicado à FCSH da UBI**

(Versão Final Após Defesa)

Ana Paula Braga Garcez

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Empreendedorismo e Criação de Empresas
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Mário José Batista Franco

Covilhã, outubro 2019

Agradecimentos

Agradecimento ao meu orientador científico, o Professor Doutor Mário Franco que com a sua experiência, paciência, compreensão e uso de sabedoria, orientou esta investigação, desde a fase inicial até o último momento, também pelo seu incentivo e inúmeras contribuições para a realização desta dissertação, principalmente pela confiança e amizade.

Um agradecimento especial às minhas amigas Maria Cristina Varialle e Maria Rosivalda Pereira, pelo apoio e incentivos em todos os momentos de desespero.

A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Beira do Interior, pela possibilidade que me deu em realizar o estudo e pela permissão e colaboração na aplicação dos instrumentos de recolha de dados, bem como pela sua paciência, gentileza e disponibilidade, expresso o meu mais profundo agradecimento.

Aos meus pais, pelo apoio e confiança incondicional.

Ao meu esposo, amigo e companheiro (Lourival) pela paciência e carinho dedicado, o meu muito obrigado.

Aos meus filhos (João Pedro e Jéssica) pela compreensão nos piores momentos e pelo tempo e presença de que se viram privados.

Resumo

O desenvolvimento económico de uma nação é suportado, em parte, pelo empreendedorismo, pois este permite a criação de emprego, agrega valor a novos produtos e/ou serviços e é visto como catalisador de desenvolvimento social. Para estudar este fenómeno, a intenção e comportamento dos potenciais empreendedores (estudantes) tem sido fortemente investigada. Neste contexto, surgem os seguintes objetivos desta investigação: (1) analisar se os fatores psicológicos e cognitivos dos estudantes universitários influenciam a intenção empreendedora, (2) analisar se os fatores psicológicos e cognitivos influenciam a integração na praxe académica e (3) avaliar o efeito que a intenção empreendedora pode ter na integração da praxe académica. Para alcançar estes objetivos este estudo incidiu numa amostra de estudantes do primeiro ano (primeira inscrição) dos diversos cursos que fazem parte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Beira do Interior (UBI), Portugal. Para alcançar estes objetivos, recorreu-se a uma abordagem metodológica quantitativa e como instrumento de recolha de dados recorreu-se a um questionário administrado junto dos alunos selecionados para o presente estudo (N= 321). A análise dos dados foi feita recorrendo à estatística descritiva e a modelos com equações estruturais.

Com a realização deste estudo conclui-se que os fatores cognitivos e psicológicos dos estudantes influenciam a intenção empreendedora dos estudantes. Em relação ao segundo objetivo, que procurava avaliar a influência dos fatores psicológicos e cognitivos na integração dos estudantes na praxe académica, não foram verificados efeitos diretos estatisticamente significativos dos fatores psicológicos e cognitivos na praxe. Embora esta relação não tenha sido confirmada, esta fortalece a investigação no sentido de evidenciar que nem todos os estudantes que participam na praxe têm os fatores psicológicos e cognitivos necessários para o empreendedorismo, pois alguns estudantes que participam neste ritual fazem-no unicamente pelo desejo de integração e socialização.

Finalmente, com base nos resultados obtidos conclui-se que a intenção empreendedora exerce uma influência positiva na praxe académica dos estudantes universitários. Também se verificou o efeito indireto dos fatores psicológicos nesta relação entre a intenção empreendedora e a praxe. Assim, os resultados obtidos mostram que os estudantes que têm uma intenção empreendedora percebem positivamente a praxe académica. Esta relação é importante, já que o fortalecimento das *self* competências dos estudantes (por exemplo, o comportamento autoeficácia, autoconfiança, entre outros), podem fortalecer as suas capacidades empreendedoras. De facto, os jovens estudantes são considerados os agentes futuros fundamentais para o desenvolvimento económico, e disseminação do trabalho autónomo e a criação de novas empresas.

Algumas implicações para a teoria e prática nesta área de investigação são também apresentadas.

Palavras-chave

Fatores Psicológico, Fatores Cognitivos, Intenção Empreendedora, Praxe Académica, Estudantes, Universidade.

Abstract

Entrepreneurship plays an important role on a nation's economic development, as it enables job creation, adds value to products and/or services and is seen as a catalyst for social development. To study this phenomenon, the intent and behaviour of a group of students as potential entrepreneurs has been substantially investigated. In this context, the following objectives of this investigation emerge: (1) analyse if the psychological and cognitive factors of college students influence entrepreneurial intention, (2) analyse whether psychological and cognitive factors influence integration in hazing, and (3) assess the effect that entrepreneurial intention can have on integration in hazing. To achieve these objectives this study focused on a sample of first year students (first enrolment) of the various courses that are part of the Faculty of Social and Human Sciences (FCSH), University of Beira Interior (UBI), Portugal. We used a quantitative approach and as a data collection instrument, we used a questionnaire administered to the students selected for this study (N = 321). Data analysis was performed using descriptive statistics and models with structural equations.

With the accomplishment of this study it is concluded that the cognitive and psychological factors of the students influence the entrepreneurial intention of the students. This statistically significant relationship has already been proven by several authors. Regarding the second objective, which sought to evaluate the influence of psychological and cognitive factors on the integration of students in hazing, there were no statistically significant direct effects of psychological and cognitive factors on academic practice. Although this relationship has not been confirmed, it strengthens the research to show that not all students who participate in the usual have the necessary psychological and cognitive factors for entrepreneurship, because some students, who participate in this ritual, do so only by desire integration and socialization.

Finally, based on the results obtained, it is concluded that entrepreneurial intention exerts a positive influence on the academic hazing of university students. It was also verified the indirect effect of the psychological factors in this relation between the entrepreneurial intention and the usual one. Thus, the results show that students who have an entrepreneurial intention positively perceive the academic hazing. This relationship is important, as strengthening students' self-skills (e.g., self-efficacy, self-confidence behaviour, among others) can strengthen their entrepreneurial skills. In fact, young students are considered to be the key future agents for economic development, and the dissemination of self-employment and the creation of new businesses.

Some implications for theory and practice in this area of research are also presented.

Keywords

Psychological Factors, Cognitive Factors, Entrepreneurial Intention, Academic Hazing, Students, University.

Índice

1. Introdução	1
2. Revisão da Literatura e Hipóteses de Investigação	5
2.1 Empreendedor: intencionalidade e suas envolventes cognitivas e psicológicas	5
2.2 Praxe académica como novo construto ligado à intenção empreendedora	9
2.3. Hipóteses de Investigação	11
2.3.1. Atributos psicológicos e cognitivos na Intenção Empreendedora	11
2.3.2. Atributos psicológicos e cognitivos na praxe académica	14
2.3.3. Intenção empreendedora e a praxe académica	15
2.3.4. Modelo estrutural de investigação	16
3. Metodologia	18
3.1. População/Amostra	18
3.2. Variáveis e medição	18
3.3. Recolha dos dados	21
3.4. Análise dos dados	22
4. Resultados e Discussão	25
4.1. Caracterização geral da amostra	25
4.2. Correlações entre as dimensões	26
4.3. Validação das hipóteses	27
4.3.1. Pressupostos da Análise com Equações Estruturais (AEE)	27
4.3.2. Avaliação do modelo de medida - Etapa 1	28
4.3.3. Validação do Modelo Estrutural Proposto - Etapa 2	30
5. Conclusões e Implicações	34
5.1. Conclusões gerais	34
5.2. Implicações teóricas e práticas	35
5.3. Limitações e sugestões para o futuro	36
Bibliografia	38
Anexo- I Questionários	
Anexo- II AFC	

Lista de Figuras

Figura 1 Modelo Estrutural de Investigação	17
Figura 2 Modelo Estrutural de Investigação com Coeficientes	31

Lista de Tabelas

Tabela 1 Codificação das variáveis do estudo	19
Tabela 2 Caracterização da Amostra	25
Tabela 3 Média, desvio padrão e matriz de correlação entre todas as dimensões	26
Tabela 4 Pesos de regressão padronizada e variância média extraída	29
Tabela 5 Modelo de Medição Ajustado	30
Tabela 6 Modelo Ajustado	30
Tabela 7 Resultados Resumidos	31

...

1. Introdução

O desenvolvimento económico de uma nação é suportado, em parte, pelo empreendedorismo, pois este cria empregos e agrega valor a novos produtos e serviços. Assim, o empreendedorismo está dependente da disponibilidade e disposição de indivíduos com capacidade de empreender (Brandstätter, 2011). De acordo com diversas pesquisas (e.g., Bateman & Crant, 1993, Rauch & Frese, 2007; Baron, Mueller, & Wolfe, 2016; Karabulut, 2016), a capacidade empreendedora é suportada por traços de personalidade que diferenciam os empreendedores dos demais indivíduos, tais como, necessidade de realização, autoeficácia, inovação, tolerância a estresse, necessidade de autonomia, personalidade pró-ativa, entre outros.

Por outro lado, evidencia-se que o empreendedorismo pode surgir em indivíduos jovens (Shirokova, Osiyevskyy, & Bogatyreva, 2016). Estes jovens, com perfil empreendedor, são também importantes para o desenvolvimento económico, pois o empreendedorismo reduz o desemprego e, conseqüentemente, a fuga de cérebros. O empreendedorismo é disseminado aumentando o trabalho autónomo e a criação de novas empresas (Glinskiene & Petuskiene, 2011).

A teoria sobre empreendedorismo de Gartner (1993) estabelece que a essência das palavras a serem utilizadas para definir o empreendedorismo devem ser palavras que conduzam a ação. Partindo deste pressuposto, nesta investigação o empreendedorismo é considerado um fenómeno, onde se procura explorar os fatores psicológicos e cognitivos do empreendedor e a sua influência na intenção empreendedora.

O empreendedorismo é uma ciência baseada na ação, logo estas ações movimentam a conjuntura económica do ambiente onde estão inseridas. Diversos autores (e.g., Fölster, 2000; Grimm & Paffhausen, 2015; Bernardino & Santos, 2017; Jiménez Coronado, Hernández Palma, & Redondo, 2018) focaram os seus esforços em entender os objetivos das ações do empreendedorismo. Assim, pode-se definir ação empreendedora como a atividade estimuladora do crescimento económico, uma vez que os empreendedores criam novos negócios e postos de trabalho, promovem a inovação e representam novas formas de concorrência, contribuindo para o aumento da produtividade dos países (Böheim, Stiglbauer, & Winter-Ebmer, 2009).

Neste sentido, a ciência procura entender o que leva um indivíduo a ser empreendedor. Para estudar este contexto, torna-se necessário estudar a intencionalidade do comportamento empreendedor. Considerando que um novo negócio surge ao longo do tempo e envolve

planeamento, o ato de empreender é um tipo de comportamento planeado, onde os modelos de intencionalidade são adequados (Bird, 1988).

Com o crescimento e a expansão da pesquisa em intenção empreendedora, destacam-se trabalhos altamente citados e recentes que indicam a relevância do tema (e.g., Roy, Akhtar e Das, 2017, Santos, Roomi, & Liñán, 2016, Fernández-Pérez, Montes-Merino, Rodríguez-Ariza, & Galicia, 2019). Contudo, os modelos de intenção empreendedora, conforme Martins, Santos, & Silveira (2019), sofreram um claro e rápido esgotamento, pois estão replicados à exaustão. Sendo assim, estes autores sugerem a possibilidade de reconstrução da pesquisa do empreendedorismo, a partir da revisão dos modelos existentes e da criação de novos modelos, bem como da inclusão de novos fatores/construtos ainda desprezados em estudos sobre o tema.

Esta percepção vem também ao encontro de Fayolle & Liñán (2014), ao evidenciarem a necessidade de repensar a investigação em relação à intenção empreendedora. Estes autores sugerem, entre outros campos de investigação, que se considere a influência de variáveis psicológicas e cognitivas, com o objetivo de apresentar esquemas mentais que possam ajudar a esclarecer como é o processo de formação da intenção empreendedora.

Neste estudo, procura-se inserir no modelo de intenção empreendedora um novo e inovador construto: a “Praxe Académica” nos estudantes universitários. A praxe académica é caracterizada como um ritual de iniciação dos novos alunos nas universidades. A inserção desse fenómeno no estudo do empreendedorismo justifica-se por ser considerado um elemento de socialização e integração de novos alunos na estrutura académica, evidenciando uma forte estrutura hierárquica (Lopes & Sebastião, 2017). Assim, a tolerância ao stresse e a personalidade pró-ativa são fatores necessários para a participação dos estudantes neste ritual. Todavia, estudos que relacionam a intenção empreendedora e a praxe académica, não tem merecido interesse de investigação científica. Especificamente, ainda não foi estudado de forma sistemática em que medida a intenção empreendedora dos estudantes universitários pode ter influência na sua participação na praxe académica. Deste modo, este estudo procura contribuir para colmatar esta lacuna de pesquisa.

Assim, neste campo de ação, surgem os seguintes objetivos desta investigação: (1) analisar se os fatores psicológicos e cognitivos dos estudantes universitários influenciam a intenção empreendedora, (2) analisar se os fatores psicológicos e cognitivos influenciam a integração na praxe académica e (3) avaliar o efeito que a intenção empreendedora pode ter na integração na praxe académica. Para alcançar estes objetivos este estudo incide numa amostra de estudantes do primeiro ano (primeira inscrição) dos diversos cursos que fazem parte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Beira da Interior (UBI), Portugal.

Apesar deste segmento de estudantes universitários não ter recebido uma educação em formação empreendedora, aqueles são expostos ao fenómeno social da praxe académica. Assim, esta investigação procura evidenciar a relação destes dois fenómenos (intenção empreendedora e praxe académica) igualmente complexos e de forte impacto económico e social. Por outro lado, os estudantes que ingressam numa universidade, na sua grande maioria, são oriundos de outras regiões de Portugal e de nacionalidades diversificadas, com forte necessidade de integração e socialização. Por estarem longe do seu contexto familiar, esta situação faz com que muitos estudantes recorram à praxe académica para facilitar o seu processo de integração e socialização. Assim, neste estudo procura-se verificar a influência que a intenção empreendedora pode ter na integração de estudantes na praxe académica, já que este tipo de relação pode ser importante no sentido de fortalecer a perceção de autoeficácia dos estudantes e fortalecer as suas capacidades para o empreendedorismo.

Neste contexto, após revisão da literatura, evidencia-se que este estudo pode trazer ainda outros contributos, justificados devido aos seguintes pressupostos: (1) intencionalidade de comportamento é um excelente preditor do comportamento, (2) as *self* competências influenciam o empreendedorismo de forma positiva (por exemplo, autoeficácia, autoconfiança, entre outros), de forma negativa (e.g., arrogância, agressividade), (3) a praxe académica é um ritual paradoxal com efeitos positivos (integração) e efeitos negativos (humilhação) e (4) empreender é um processo complexo que envolve diversos fatores psicológicos e cognitivos (Miller, 2015).

Relativamente à estrutura deste trabalho, esta dissertação inicia-se com a Introdução onde é feita uma concetualização geral da temática a estudar e onde são definidos os objetivos que se pretendem atingir com o desenvolvimento do trabalho.

Após a introdução, esta investigação inclui o ponto da Revisão de Literatura, onde é aprofundado o estudo dos fatores psicológicos, fatores cognitivos, intenção empreendedora e praxe académica, bem como faz-se o desenvolvimento das hipóteses de investigação e propõe-se o modelo estrutural a validar na presente investigação.

Posteriormente, na secção da Metodologia, são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para alcançar os objetivos propostos: população/amostra, variáveis e medidas, instrumento de recolha e análise de dados.

No ponto seguinte, Resultados e Discussão, apresenta-se: (1) a caracterização geral dos estudantes da amostra, (2) correlação entre as dimensões/construtos estudados e (3) a validação das hipóteses recorrendo ao método de equações estruturais.

Finalmente serão apresentadas as principais conclusões, contribuições, limitações e futuras linhas de investigação.

2. Revisão da Literatura e Hipóteses de Investigação

2.1. Empreendedor: intencionalidade e suas envolventes cognitivas e psicológicas

Empreender é um processo complexo que envolve diversos fatores. Gartner (1985) elenca em um formato estruturado os fatores que influenciam o processo de criação duma empresa: a) fatores individuais: necessidade de realização, propensão ao risco, satisfação com o trabalho, experiência de trabalhos anteriores, familiares empreendedores, idade e educação; b) fatores ambientais: disponibilidade de capital de risco, presença de empreendedores experientes, conhecimento técnico, acesso a fornecedores, a clientes e a mercados, influências governamentais, proximidade das universidades, disponibilidade de terrenos ou instalações, acessibilidade do transporte, atitude da população, disponibilidade dos serviços de apoio, condições de vida, disponibilidade de recursos financeiros, entre outros; c) fatores organizacionais: liderança global de custos, diferenciação, novo produto ou serviço, concorrentes, licenciamentos, mudanças na regra governamental, entre outros; e, d) fatores processuais: identificar oportunidade de negócio, acumulação de recursos, produção de bens e/ou serviços, e atender as necessidade do governo e da sociedade.

Devido à complexidade dos fatores envolvidos no processo empreendedor, pressupõe-se que um empreendedor não surge “do dia para noite”. Neste sentido, o empreendedorismo é estudado pela ciência como um comportamento intencional, nomeadamente, intenção empreendedora. A psicologia tenta explicar/prever o comportamento humano, tendo como pressuposto que um comportamento é determinado pela intenção de executá-lo, onde a intenção é conceitualizada em função de crenças que influenciam o comportamento (Fishbein & Ajzen, 1977). Ou seja, as pessoas realizam um determinado comportamento tendo como base a crença que, ao executar certos comportamentos, terão determinado resultados. Para Boyd & Vozikis (1994), a autoeficácia individual influencia a intenção empreendedora, pois esta pode influenciar a sua capacidade de desempenhar determinada tarefa.

Em complemento, Franco, Haase, & Lautenschlager (2010) argumentam que compreender os fatores ambientais que influenciam a decisão de iniciar uma carreira empreendedora é importante. Dessa forma, a Teoria da Aprendizagem Social de Bandura (1978), a Teoria do Evento Empreendedor de Shapero & Sokol (1982) e a Teoria do Comportamento Planeado de Ajzen (1991) são abordagens que permitem compreender os fatores que influenciam a decisão de criar uma nova empresa, pois consideram que qualquer comportamento exige uma certa

quantidade de planeamento (Alferaih, 2017). O elemento central destas teorias é a intenção do indivíduo de empreender e colocar em prática um comportamento específico, influenciado por elementos motivacionais. Por isso, quanto maior a intencionalidade de realizar determinado comportamento, maior será a taxa de sucesso (Liñán & Santos, 2007).

A pesquisa sobre intenção empreendedora tem como artigo seminal o de Shapero & Sokol (1982), que apresentam a Teoria do Evento Empreendedor, que foi desenvolvido com o objetivo de explicar as decisões de empreender, pressupondo fatores para as intenções empreendedoras: (1) a desejabilidade percebida, ou seja, a atratividade (tanto intrapessoal como pessoal) de iniciar um empreendimento; (2) viabilidade percebida, ou seja, o grau em que uma pessoa se sente capaz de iniciar um empreendimento; e (3) propensão para agir, isto é, a predisposição pessoal para agir.

Em complemento, a Teoria do Comportamento Planeado de Ajzen (1985, 1991) procura explicar e prever como o ambiente cultural e social afeta o comportamento humano, baseando-se a intenção do indivíduo, no resultado de três determinantes: (1) a atitude em relação ao comportamento (avaliação pessoal), (2) as normas subjetivas (pressões sociais) e o (3) controlo comportamental percebido (capacidade de realizar o comportamento).

Krueger, Reilly, & Carsrud (2000) compararam os dois modelos, e evidenciaram que os modelos são baseados em conceitos psicológicos e sociológicos. Contudo, o modelo de Shapero foi ligeiramente superior para avaliar a intenção empreendedora. O autor considera, a teoria do comportamento planejado igualmente útil, considerando que ambos os modelos baseados em intenções oferecem ferramentas para entender a intenção empreendedora.

A literatura em relação à intenção empreendedora evidenciou também uma série de modelos que procuram explicar a relação entre as características pessoais do indivíduo e suas intenções empreendedoras (Bird, 1988; Boyd & Vozikis, 1994; Krueger, Jr. & Brazeal, 1994). Estes modelos têm como base duas linhas principais - a Teoria do Comportamento Planeado e o Modelo do Evento Empreendedor (Alferaih, 2017).

Entretanto, a literatura em relação ao empreendedorismo inclui correntes de diferentes escolas de pensamento sobre o comportamento empreendedor, dividindo-se em duas correntes: (1) a corrente tradicional e (2) a contemporânea. Para Adaman & Devine (2002), a corrente tradicional tem como pressuposto a percepção económica, onde o empreendedorismo representa inovação e equilíbrio das atividades do mercado, desempenhadas pelos agentes económicos em condições de incerteza. A corrente contemporânea discute a questão de como a função empreendedora está inserida em diferentes tipos de estrutura organizacional, tanto a nível micro como macro, chamando a atenção para os atributos tácitos e sociais do empreendedorismo centrando-se na forma de como esse conhecimento é criado e mobilizado.

Na perspectiva tradicional, os empreendedores contribuem para a inovação, para o aumento da produtividade, e fazem melhorias significativas no estilo de vida, saúde e bem-estar da população. Por exemplo, a indústria estabelecida e emergente, as ferrovias e refinarias de petróleo, as start-ups tecnológicas, não poderiam ter nascido sem eles (Miller, 2015).

Neste contexto, é inegável a relevância do empreendedor para o desenvolvimento económico, criação de emprego e geração de inovação (Böheim et al., 2009). Contudo, o processo de empreender é um processo humano, ou seja, envolve comportamentos e ações de indivíduos (Baron, Mueller, et al., 2016). Neste sentido, a ciência tem focado seus esforços em definir padrões de comportamento dos indivíduos empreendedores.

Na perspectiva contemporânea, Baron (2004) desenvolveu um quadro teórico, que explora os pontos de vista cognitivos do empreendedor. Este quadro é elaborado a partir de três questionamentos: (1) Por que algumas pessoas optam por se tornar empreendedoras e outras não, (2) Por que algumas pessoas reconhecem oportunidades para novos produtos ou serviços que podem ser explorados de forma lucrativa e outras não, e (3) Por que alguns empreendedores são muito mais bem-sucedidos que outros? A partir da resposta destes questionamentos, o autor concluiu que os indivíduos empreendedores possuem quadros mentais que possibilitam “pensar fora da caixa”.

McClelland (1965) desenvolveu um estudo longitudinal, e concluiu que o empreendedor, em particular os empreendedores de sucesso, tem alta necessidade de realização. Assim, para Sexton & Bowman (1985), as características do empreendedor são: (1) tolerância a situações ambíguas, (2) preferem a autonomia, (3) resistência à conformidade, (4) ser interpessoalmente distante, (5) desfrutar do risco, (6) adaptar-se prontamente à mudança, e (7) baixa necessidade de apoio.

Outros investigadores (e.g., Fernández-Pérez, Montes-Merino, Rodríguez-Ariza, & Galicia, 2019; Davidsson, 1995; Geldhof, Weiner, Agans, Mueller, & Lerner, 2014; Tang, Tang, & Lohrke, 2008) focaram seus esforços em descrever a envolvente psicológica do empreendedor, procurando traços de personalidade que levam um indivíduo a empreender.

Além disso, outra característica importante do empreendedor foi evidenciada por Miller, Kets de Vries, & Toulouse (1982). Para estes autores, o empreendedor bem-sucedido tem um locus interno de controlo diferenciado, pois acredita que podem controlar o ambiente e, desta forma, podem controlar o seu destino.

Miller (2015) apresenta de forma estruturada as características positivas do empreendedor que são: energia, paixão, otimismo, autoeficácia, autoconfiança, necessidade de realização, poder, autonomia e necessidade de controlo. O autor ressalta que tais características

positivas podem ser “gatilhos” para características negativas tais como: excesso de confiança, narcisismo, arrogância, agressividade, indiferença aos outros e comportamento obsessivo.

Alguns autores (e.g., Hmieleski & Lerner, 2016; Do & Dadvari, 2017; Wu, Wang, Zheng, & Wu, 2019) conduziram estudos procurando entender a relação das características negativas do empreendedor, procurando relacionar a intenção empreendedora de estudantes universitários, com as características dos traços de personalidade socialmente indesejados da tríade negra, que são: maquiavelianismo, narcisismo e psicopatia.

Pechorro et al. (2019) descrevem um referencial teórico detalhado em relação a tríade negra, onde apresentam que, apesar do maquiavelianismo, narcisismo e psicopatia serem traços distintos, os mesmos têm pelo menos duas características em comum que são: o uso da exploração e a falta de empatia para com os outros.

Hmieleski & Lerner (2016) sustentaram a sua hipótese de investigação, relacionando a tríade negra e a intenção empreendedora, tomando como base a Teoria da Life History. Os autores consideram que os empreendedores convivem em um ambiente de incerteza. Neste sentido, sugerem que estes possuem características elevadas da tríade negra, pois tenderiam a regular o seu comportamento por meio de uma abordagem de vida rápida, assumindo comportamento de risco, no sentido de criação de novos empreendimentos. Ao concluir a sua investigação, em estudantes universitários e de MBA, encontram todas as facetas da tríade negra, positivamente associadas a motivações empreendedoras improdutivas, ou seja, motivações onde indivíduos tem por objetivo apropriar valor e não criar valor. Para empreendedores com motivação produtiva, foram observadas associações diferentes das características da tríade negra (Hmieleski & Lerner, 2016).

Wu et al. (2019), com o objetivo de apresentar o lado oposto da personalidade pró-ativa do empreendedor, analisaram uma amostra de 334 estudantes e foi evidenciado que: (1) o narcisismo/psicopatia tem um efeito negativo sobre autoeficácia empreendedora e intenção empreendedora; (2) o narcisismo e psicopatia têm um efeito não-linear na intenção empreendedora; (3) o maquiavelismo tem um efeito positivo na autoeficácia empreendedora e intenção empreendedora; e (4) autoeficácia empreendedora tem um efeito mediador sobre os três.

Neste sentido, a crença Self (Posso fazer isso?) e a expectativa de resultados (Se eu fizer isso, o que acontecerá?), influenciam a avaliação das capacidades dos indivíduos (Lent & Hackett, 1987). Neste sentido, os indivíduos empreendedores têm uma percepção mais positiva de suas capacidades self. Contudo, pesquisas mais recentes têm mostrado que tais percepções positivas das suas capacidades também podem criar comportamentos negativos.

2.2. Praxe Académica como Novo Construto ligado à Intenção Empreendedora

A praxe académica é um fenómeno social mundialmente conhecido, porém recebe nomeclaturas diferentes em diversos países, por exemplo: trote académico no Brasil, *novatadas* na Espanha, *bizutage* na França, *hazing* nos países anglo-saxónicos e praxe académica em Portugal (Lopes & Sebastião, 2017). A essência da Praxe Académica é ser um ritual de passagem para o ensino superior, ritual este planeado/executado pelos alunos mais antigos da universidade, com o objetivo de integrar os novos alunos (Johnson, 2011; Dias & Sá, 2014; Oliveira, Villas-Boas, & Heras, 2016), ou seja, é qualquer atividade necessária para iniciação ou permanência em um grupo (Campo, Poulos, & Sipple, 2005)

Estudos com o objetivo de analisar os rituais de praxe académica já foram desenvolvidos em diversas regiões (Raalte, Cornelius, & Brewer, 2000; Kirby & Wintrup, 2002; Keating et al. 2005; Johnson, 2011). A partir desses estudos pode-se evidenciar que a manutenção destes rituais deve-se aos resultados positivos percebidos; a hierarquização do grupo é o principal resultado, e esta hierarquização desenvolve-se a partir do compromisso entre os participantes. Entretanto esta percepção positiva poderá ocasionar comportamentos negativos, como situações de rebaixamento devido ao abuso de poder, que podem levar a riscos físicos e/ou psicológicos aos envolvidos.

Em Portugal, a Praxe Académica é largamente estudada, com o objetivo de entender sua complexidade e seu carácter social de integração. Neste sentido, estudos foram desenvolvidos com a finalidade de entender este fenómeno, como por exemplo Mouraz & Sousa, (2015); Estanque, (2016, 2017) e Fávero, Pinto, Ferreira, Machado, & Del Campo, (2018). Estanque (2016) evidenciou a origem histórica deste ritual, onde o Rei D. Dinis em 1308, pouco após a fundação da Universidade de Coimbra, publicou um decreto instituindo honras de estudo e de recolher obrigatório para os estudantes, estabelecendo que os infratores fossem vigiados e sancionados pelos estudantes mais velhos, baseado numa hierarquia por antiguidade.

Lopes & Sebastião (2017) investigaram a percepção do fenómeno da praxe académica no contexto Português e demonstraram que a praxe representa, no imaginário dos estudantes, sua futura entrada no mercado de trabalho, fundamentados na ideia de que todos os estudantes do ensino superior serão confrontados com hierarquia do mundo laboral, em que há patrões e trabalhadores, chefes e subordinados. Quem chega a um novo local de trabalho, deve respeitar o superior e a sua autoridade, sendo assim, a hierarquia deve ser escalada através do esforço, dedicação e lealdade à empresa.

Neste ambiente marcado pela forte hierarquia, onde relações de controlo são construídas de aluno para aluno, pode-se evidenciar aspetos negativos destes rituais (Afonso, 2012; Dias &

Sá, 2014; Suzana Nunes Caldeira, Osvaldo Silva, Maria Mendes, 2015; Estanque, 2017). Estes estudos evidenciaram que as razões dos registos negativos são as atitudes de humilhação e submissão perante o poder, que chegam à violência física e psicológica. Esta situação faz como que as opiniões em relação ao fenómeno sejam divergentes e não consensuais (e.g., Frias, 2003; Mendes, Duarte, Araújo, & Lopes, 2013; Caldeira, Silva, Mendes, & Botelho, 2015; Dias & Sá, 2013; Oliveira et al., 2016).

Campo et al. (2005) avaliaram as atitudes, comportamentos e crenças dos estudantes que participam de rituais de iniciação com uma amostra de 736 estudantes e evidenciaram que os alunos que se envolvem nos rituais de iniciação académica são mais propensos a participar em atividades positivas de construção de equipas.

Mais recentemente, Correia et al. (2018) investigaram os preditores da intencionalidade dos novos alunos em participar na praxe académica, tendo como base a Teoria do Comportamento Planeado. O estudo foi aplicado em uma amostra de 353 estudantes universitários a frequentar o 1º ano de uma Licenciatura. Os resultados indicam que os preditores da atitude de participar no ritual de iniciação Praxe Académica são: (1) o aumento de integração social, (2) aprender mais sobre tradição académica, (3) aumentar o orgulho em ser estudante daquele curso e naquela instituição, (4) diversão associada à participação na praxe, (5) a possibilidade de apadrinhar/amadrinhar um colega e (6) a possibilidade de no 2º ano usar um traje com simbolismo.

Outros estudos utilizam a Teoria do Comportamento Planeado, no sentido de predizer a intenção empreendedora (e.g., Gorgievski & Stephan, 2016). Liñán & Chen, (2009) também desenvolveram o *Entrepreneurial Intention Questionnaire* (EIQ), apontado por Martins et al. (2019), como um dos instrumentos mais utilizados para mensurar a intenção empreendedora.

Liñán, Rodríguez-Cohard, & Rueda-Cantuche, (2011) utilizaram o EQI e constataram que a atitude pessoal e o controlo comportamental percebido são os fatores relevantes para explicar a intenção empreendedora, e apontam também que esse instrumento pode ser utilizado para avaliação de programas de educação empreendedora.

Os resultados de Liñán et al. (2011) são semelhantes aos encontrados por Correia et al. (2018), onde também utilizaram a Teoria do Comportamento Planeado para predizer a intencionalidade de um comportamento, só que ao invés de investigar a intenção empreendedora, investigaram a intenção em participar da praxe académica. Os resultados confirmaram o valor preditivo da atitude e o controlo comportamental percebidos. Contudo, as normas subjetivas não se monstaram como um preditor significativo. Estes resultados são semelhantes aos de Liñán et al. (2011), onde investigaram a intenção empreendedora em estudantes universitários. A partir desta perceção evidencia-se que a praxe académica

poderá ser um novo contrato/fator que pode ser influenciado pela intenção empreendedora em estudantes universitários.

2.3. Hipóteses de Investigação

2.3.1. Atributos psicológicos e cognitivos na Intenção Empreendedora

A literatura sobre o empreendedorismo destaca que o empreendedor tem a percepção de algumas capacidades individuais de forma diferenciada dos restantes indivíduos. Neste sentido, Bandura, (1977) apresenta que a forma como os indivíduos percebem as suas capacidades influencia a sua forma de agir, ou seja, esta percepção determina se um comportamento será iniciado e quanto esforço será gasto.

Para entender o comportamento empreendedor, alguns estudos têm sido realizados. Por exemplo, Rauch & Frese (2007) efetuaram uma meta-análise com o objetivo de identificar quais os traços de personalidade que se correlacionavam significativamente com o comportamento empreendedor e identificaram os seguintes traços: necessidade de realização, autoeficácia, inovação, tolerância ao estresse, necessidade de autonomia e personalidade pró-ativa.

Rauch & Frese, (2007) referem que a necessidade de realização implica escolher uma tarefa de dificuldade moderada, aceitar a responsabilidade pelos resultados desta tarefa e procurar feedback constante sobre os resultados. Esta capacidade é importante para o empreendedor, pois este deve manter-se interessado na tarefa que executa, procurando a melhoria contínua de todos os processos envolvidos na empresa. Em complemento, esta percepção é corroborada pelos estudos de Tang et al., (2008), Karabulut, (2016) e da Silva Veiga, Demo, & Neiva (2017).

Criar e gerir um empreendimento faz com que o empreendedor seja exposto a altos níveis de estresse, devido às mudanças rápidas de cenários, ambientes imprevisíveis, sobrecarga de trabalho, responsabilidade pessoal. Baron, Franklin, & Hmieleski, (2016) avaliaram a capacidade de tolerar estresse dos empreendedores e os resultados indicaram que os empreendedores apresentam níveis mais baixos de estresse, quando comparados aos participantes. Os níveis de estresse relativamente baixos dos empreendedores derivam de seus altos níveis de capital psicológico, ou seja, a combinação de autoeficácia, otimismo, esperança e resiliência.

Para Schumpeter (1961), o empreendedor é como agente da inovação, pois o indivíduo empreendedor identifica novas possibilidades em termos económicos (novos produtos, novos mercados, novos processos, etc.), ou seja, identifica oportunidades, e agrega valor a algo já existente.

Bateman & Crant, (1993) apresentam também a importância da proatividade do empreendedor, pois ser proativo implica ter orientação de longo prazo. Esta percepção ajuda o empreendedor a antecipar e preparar-se para potenciais oportunidades e ameaças. Os indivíduos proativos são aqueles que não são limitados por forças situacionais. Aqueles identificam oportunidades e agem sobre elas, mostram iniciativa, agem para influenciar seus ambientes e perseveram até que mudanças significativas ocorram. Desta forma, esta característica é importante para o empreendedor, pois o mesmo vive em ambiente de constante mudança (Uy, Chan, Sam, Ho, & Chernyshenko, 2015).

Chen & Elston, (2013) relataram que as principais motivações de pequenos empresários de restauração na China é a procura de autonomia, segurança familiar e o lucro. Entretanto, Gelderen (2016) alerta que a autonomia desejada pelo empreendedor é um fator que deve ser avaliado com cautela, pois o empreendedor sofre constante influência de fatores externos, como por exemplo: características dos clientes ou do mercado, ciclo de vida do negócio e o desempenho financeiro do negócio. Por tanto, a autonomia é afetada por fatores externos.

Chen, Greene, & Crick (1998) estudaram a relação entre autoeficácia e a intenção empreendedora em estudantes, executivos fundadores e executivos não fundadores de empresas. Constataram que os estudantes relataram uma autoeficácia empreendedora mais forte. Estes participantes também expressaram uma intenção mais forte de iniciar um negócio próprio; e executivos fundadores apresentaram autoeficácia mais forte do que os executivos não fundadores.

Em complemento, Baron, Mueller et al. (2016), apresentam que é necessário o equilíbrio entre autoeficácia e autoregulação do empreendedor, pois uma elevada percepção da autoeficácia empreendedora pode levar o estabelecimento de metas não realizáveis. Desta forma, auto-regulação empreendedora é necessária. Neste sentido, evidencia-se que a relação entre autoeficácia e autoregulação é curvilínea: até um ponto, os aumentos na dificuldade do objetivo são relacionados positivamente ao desempenho, mas além deste ponto, uns aumentos mais adicionais na dificuldade são relacionados negativamente no desempenho (Baron, Mueller, et al., 2016).

Nos estudo de Chen, Greene, & Crick (1998) foi identificado que os alunos que possuem maior autoeficácia empresarial expressaram uma intenção mais forte de iniciar um negócio próprio. Hmieleski & Corbett (2006) apontaram também que as intenções empreendedoras estão significativamente associadas à personalidade, motivação, estilo cognitivo, modelos sociais e

improvisação. Por outro lado, Zellweger, Sieger, & Halter (2011) descobriram que a intenção empreendedora é influenciada pela autoeficácia empreendedora e o motivo de independência. Para Saeed, Yousafzai & Yani-De-Soriano (2015), a educação influencia a autoeficácia individual e, conseqüentemente tem efeito significativo na intenção empreendedora.

Torna-se também importante estudar os fatores cognitivos do empreendedor, já que estes fatores são formados a partir de operações mentais construídas a partir do conhecimento já existente (Ward, 2004). Para evidenciar esta relação, Shane (2000) apresenta evidências de que o conhecimento prévio cria corredores mentais que influenciam a maneira como novas informações são interpretadas. Esta estrutura possibilita interpretar e compreender novas informações, e deste modo, os empreendedores interpretam e compreendem as informações de forma a descobrir novas oportunidades de negócios (Mitchell et al., 2007).

Palich & Bagby (1995) avaliaram a percepção de risco dos empreendedores, evidenciando que não há variação significativa na escala de propensão ao risco, entre indivíduos empreendedores e indivíduos não empreendedores. Desta forma, os empreendedores não se consideravam mais predispostos a assumir riscos do que os não-empreendedores. No entanto, estes investigadores verificaram, a partir de testes multivariados, que os empreendedores categorizaram cenários de negócios de forma significativamente mais positiva do que outros sujeitos, ou seja, os empreendedores percebem mais pontos fortes versus pontos fracos, oportunidades versus ameaças e potencial para melhoria de desempenho versus deterioração. Portanto, o empreendedor não pensa em si mesmo como tendo maior probabilidade de assumir riscos, mas estão mais predispostos a categorizar cognitivamente as situações de negócios de forma mais positiva.

Neste contexto, evidencia-se que os fatores cognitivos influenciam diretamente a ação do empreendedor. Segundo Krueger et al. (2000), empreender é uma forma de pensar, que enfatiza oportunidades sobre ameaças. O processo de identificação de oportunidades é claramente um processo intencional, e, portanto, as intenções empreendedoras fornecem um meio para melhor explicar- e prever - empreendedorismo. Em complemento, Bird (1988), apresenta que o ato de criar um novo negócio envolve planejamento, logo o ato de empreender é intencional. A partir destas evidências, apresentam-se as duas primeiras hipóteses de pesquisa:

H1a: Os fatores cognitivos dos estudantes influenciam positivamente a sua intenção empreendedora.

H1b: Os fatores psicológicos dos estudantes influenciam positivamente a sua intenção empreendedora.

2.3.2. Atributos psicológicos e cognitivos e a Praxe Acadêmica

A entrada na Universidade e o subsequente percurso acadêmico podem ser definidos como um período de transição durante o qual os estudantes são confrontados com a redefinição identitária baseada na experimentação, na definição dos limites pessoais e grupais (Mendes et al., 2013).

Com o objetivo de apoiar o processo de redefinição identitária dos novos estudantes do ensino superior, surge a praxe acadêmica com o papel de apoiar os novos estudantes, promovendo a sua integração no meio acadêmico e proporcionando oportunidades para ampliarem e aprofundarem as suas redes de apoio social, em particular, entre os pares (Dias & Sá, 2013). Deste modo, Correia et al., (2018) estudaram as motivações dos estudantes a serem praxados, identificando como principais motivações a integração na vida académica e o reconhecimento pela comunidade. Esta perceção é complementada por Estanque (2016) que identifica como objetivos da praxe académica: a integração dos caloiros na universidade; e o reconhecimento público, pela comunidade académica e não académica, do seu novo estatuto de estudantes universitários.

A integração na vida académica consiste em aumentar o orgulho em ser estudante daquele curso e naquela instituição. Esta integração também pode estar associada como os momentos de diversão dos estudantes (Dias & Sá, 2013; Lopes & Sebastião, 2017; Correia et al., 2018). Para Dias & Sá (2013), os estudantes sentem e vivem esta integração de forma distinta, onde as palavras diversão e orgulho são frequentemente utilizadas para descrever essa vivência, mas, por outro lado, também lhe são associadas emoções negativas como a humilhação, a vergonha e o ridículo.

Lopes & Sebastião (2017) referem que a praxe oferece a oportunidade de aprendizagem e de valores como: o respeito à tradição académica, a capacidade de trabalhar em grupo, o aumento de confiança em si e nos outros, persistência, integração, melhor relacionamento interpessoal, apoio pessoal e académico por parte dos estudantes mais velhos, bem como um sentimento de orgulho na instituição, entre outras aprendizagens.

Segundo Lopes & Sebastião (2017), o traje académico surge de um tempo em que apenas uma elite acedia à universidade, servindo para uniformizar a imagem do estudante perante o coletivo a que pertence, desfazendo qualquer traço que possa revelar as desigualdades entre estudantes. No entanto, antes de usar o traje, os novos estudantes devem estar isentos de traços que remetam para a sua individualidade. O ritual de iniciação serve para que todos se sintam no mesmo patamar, independentemente das suas personalidades, das suas origens e das suas trajetórias de vida.

Os indivíduos favoráveis à praxe defendem que este fenómeno social constitui um património, uma tradição e um conjunto de práticas consideradas indispensáveis à integração dos novos estudantes nas universidades (Lopes & Sebastião, 2017), sendo entendida e legitimada como um costume das universidades portuguesas (Oliveira et al., 2016).

Observa-se que o ritual de iniciação da praxe académica é um fenómeno complexo. Por este motivo, a praxe pode vir a oferecer aos novos alunos do ensino superior a oportunidade de perceber nas suas capacidades psicológicas e cognitivas. Conforme Bandura (1977), os indivíduos percebem nas suas capacidades, se estão mais predispostos a investir tempo e energia numa atividade, e acreditam que os seus esforços podem levar ao sucesso. A partir destas evidências, justificam-se as seguintes hipóteses de pesquisa.

H2a: Os fatores cognitivos dos estudantes influenciam positivamente a sua integração na praxe académica.

H2b: Os fatores psicológicos dos estudantes influenciam positivamente a sua integração na praxe académica.

2.3.3. Intenção Empreendedora e a Praxe Académica

Para Frias (2003), os elementos construtivos da praxe estão na relação entre a submissão e a humilhação, tendo por base a relação de poder entre os alunos mais novos e os mais antigos e a integração e a socialização que têm por influência aspetos lúdicos e festivos e de transmissão de informações úteis da vida académica. Deste modo, evidencia-se na literatura uma possível associação entre os fatores psicológicos e cognitivos e a intenção empreendedora. Liñán (2008) aponta que, para os empreendedores serem bem-sucedidos, é necessário desenvolver capacidades como: a liderança, comunicação, inovação, networking, criatividade e resolução de problemas, visto serem capacidades básicas e necessárias para um indivíduo iniciar e desenvolver um negócio de sucesso.

Neste contexto, tanto a intenção empreendedora quanto a praxe académica são fenómenos sociais que podem estar ligados a capacidade de cada indivíduo. Neves & Faria (2009) identificam que estas características podem ser descritas por dois construtos que são o autoconceito e a autoeficácia. O autoconceito consiste numa avaliação sobre a competência pessoal em determinado domínio de realização, enquanto a autoeficácia consiste numa avaliação sobre a confiança na competência pessoal para realizar com sucesso a tarefa específica.

Partindo do pressuposto que os estudantes com intenção empreendedora podem ser influenciados a participar da praxe acadêmica, por possuírem diversos autoconceitos latentes que servem de gatilhos para autoeficácia, alguns estudos identificam a autoeficácia como impulsionadora do empreendedor de sucesso. Cardon & Kirk (2015) evidenciaram em sua investigação que a autoeficácia e a paixão impulsionam a persistência do empreendedor. Em complemento Zhang, Cui, Zhang, Sarasvathy, & Anusha (2019) sugerem que a autoeficácia do empreendedor está positivamente relacionada com sua lógica de tomada de decisão, percepções que são complementares a Wood & Bandura (1989). Estes apresentam que indivíduos com forte crença em relação às suas capacidades serão mais persistentes no esforço para vencer um desafio.

Neste sentido, Boyd & Vozikis (1994) identificam a autoeficácia como um construto que fornece importante fator explicativo da intenção empreendedora quanto da probabilidade de que tais intenções resultem em ação empreendedora. Entretanto, a autoeficácia é adquirida gradualmente através do desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais, linguísticas e físicas complexas que são obtidas através da experiência (Bandura, 1982).

Assim, partindo da percepção de Boyd & Vozikis (1994) e Bandura (1982), configura-se o paradoxo comportamental do empreendedorismo e da praxe acadêmica, visto que estes dois fenômenos exigem dos indivíduos capacidades comportamentais diferenciadas, a saber: por um lado, os indivíduos que experimentam sucesso em situações adversas tendem a atingir níveis de autoeficácia mais elevados quando confrontados com situações semelhantes no futuro; e, por outro, tendem a estabelecer metas pessoais mais elevadas, podendo ser mais persistentes na superação de obstáculos e obter melhor desempenho a longo prazo.

Neste contexto surge a terceira e última hipótese de investigação.

H3: A Intenção empreendedora influencia positivamente a integração dos estudantes na praxe acadêmica.

2.3.4. Modelo Estrutural de Investigação

O modelo estrutural aqui proposto (Figura 1) foi elaborado com base na revisão da literatura e nas hipóteses de pesquisa anteriormente expostas. A pesquisa tem vindo a avaliar que os fatores psicológicos e cognitivos podem influenciar a intenção empreendedora e a praxe acadêmica, todavia, neste modelo pretende também examinar se a praxe acadêmica poderá ser um novo fator em estudos da intenção empreendedora em estudantes universitários, mais

precisamente, se a intenção empreendedora exerce algum efeito na integração dos estudantes universitários na praxe acadêmica.

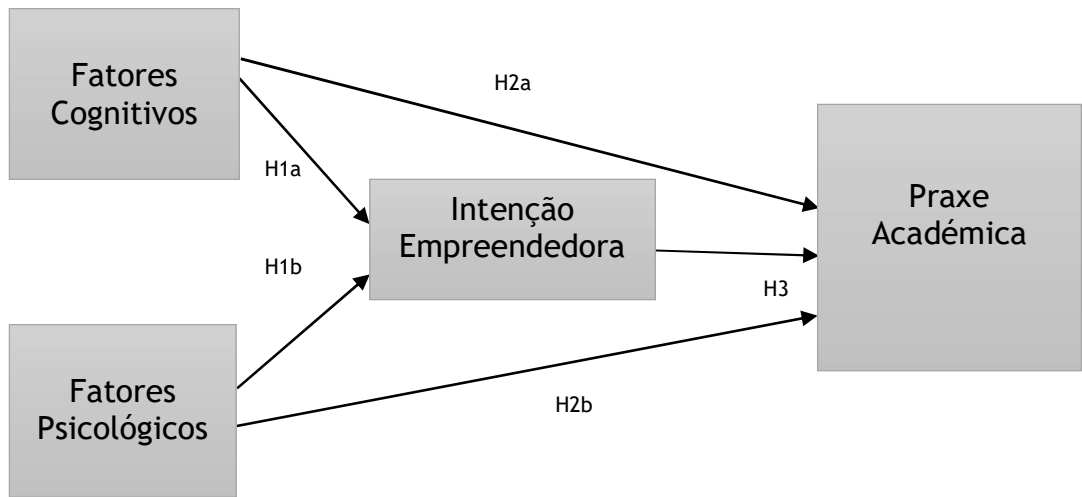


Figura 1 Modelo Estrutural de Investigação

3. Metodologia

3.1. População/Amostra

Uma população é uma coleção de unidades individuais, que podem ser pessoas, animais, empresas, resultados experimentais, com uma ou mais características comuns, que se pretende analisar (Reis, Melo, Andrade, & Capapez, 2006). No contexto desta investigação, a população a estudar foi constituída pelos estudantes do primeiro ano (primeira inscrição) do ensino superior a frequentar os cursos oferecidos na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), da universidade da Beira Interior (UBI), no ano letivo 2018-2019 (N= 331 estudantes).

Uma amostra é um conjunto de dados ou observações recolhidas a partir de um subconjunto da população (Reis et al., 2006). Contudo, com a possibilidade de se estudar toda a população/universo, a amostra para este estudo é coincidente com a população. Optou-se por alunos que ingressam pela primeira vez numa universidade (primeira inscrição no curso), já que, em sua grande maioria, trata-se de jovens oriundos de outras regiões de Portugal e de nacionalidade diversificadas. Neste sentido, estes estudantes têm forte necessidade de integração e socialização, por estarem longe do seu contexto familiar, fazendo que estes recorram à praxe académica para facilitar estes processos de integração e socialização.

3.2. Variáveis e medição

O procedimento de escolha da escala para medir os construtos (cf. Figura 1) adotados no presente estudo baseou-se a partir da literatura especializada consultada (e.g., Gaglio & Katz, 2001; Baron, 2004; Marques, Ferreira, Rodrigues, & Ferreira, 2010; Marques et al., 2010 e Allan, Kerschner, & Payne, 2019). Fez-se um levantamento de escalas já validadas sobre as dimensões em estudo (fatores psicológicos, fatores cognitivos, intenção empreendedora e praxe académica) e, após efetuado este levantamento de algumas escalas existentes, procedeu-se à seleção das mais adequadas para o presente estudo que incide no contexto de estudantes universitários. Como referido, tal decisão foi tomada em razão da existência de escalas já validadas por outros investigadores, não sendo necessária a construção de novas escalas, mas somente a adaptação das mesmas.

Na Tabela 1 estão as variáveis/itens de cada uma das quatro escalas (Fatores Psicológicos - PSI com 9 itens, Fatores Cognitivos - COG com 7 itens, Praxe Académica - PX e Intenção Empreendedora - IE com 5 itens).

Tabela 1 Codificação das variáveis do estudo

CÓDIGO	VARIÁVEL
PSI	Fatores Psicológicos (<i>Alpha Cronbach=0.874</i>)
PSI1	Sente-se estimulado perante novos desafios?
PSI2	Tem predisposição para assumir riscos?
PSI3	Sente curiosidade para conhecer temas novos ou maneiras diferentes de atuar?
PSI4	Considera-se uma pessoa perseverante?
PSI5	Dedica o tempo necessário para fazer bem um trabalho ou levar por diante um projeto?
PSI6	Tem autodisciplina na hora de levar a cabo um trabalho?
PSI8	Sente autoconfiança nas suas capacidades pessoais e profissionais?
PSI9	Enfrenta as dificuldades de forma animada e otimista?
COG	Fatores Cognitivos (<i>Alpha Cronbach=0.915</i>)
COG1	Conhecimento dos fornecedores existentes ou distribuidores
COG2	Conhecimento dos clientes existentes ou potenciais
COG3	Potenciais ou existentes investidores
COG4	Conhecimento duma determinada tecnologia
COG5	Identificar novas oportunidades de negócio
COG6	A solução para um problema particular
COG7	A sua experiência num determinado mercado ou indústria
PX	Praxe Académica (<i>Alpha Cronbach=0.933</i>)
PX1	A praxe não é uma maneira eficaz de criar vínculo com a UBI
PX2	A Praxe é um problema na FCSH
PX3	A Praxe não é uma maneira eficaz de integrar novos membros na UBI
PX4	A Praxe é um problema porque pode causar danos físicos
PX5	A Praxe é um problema porque pode causar danos emocionais
IE	Intenção Empreendedora (<i>Alpha Cronbach=0.959</i>)
IE1	Já alguma vez pensou em criar sua própria empresa?
IE2	Para continuar a aprender e crescer como pessoa
IE3	Para me realizar pessoalmente
IE4	Considera que vale a pena criar ou fundar sua própria empresa?
IE5	Para dirigir e motivar terceiros
IE6	Para me estimular através do desafio

Para medir os **fatores psicológicos**, foi utilizada as escalas desenvolvidas por Gaglio & Katz (2001) e Marques, Ferreira, Rodrigues, & Ferreira (2010). As variáveis/itens desta escala estão representadas na Tabela 1. Mais precisamente, estas questões foram colocadas para mensurar a percepção dos estudantes em relação a sua eficácia. Conforme Lent & Hackett (1987), um senso de eficácia pessoal preciso e forte é essencial para a iniciação e persistência de um comportamento.

Todos os itens foram avaliados uma escala de 7 níveis de ponderação, onde 1 corresponde a “nunca” e 7 corresponde a “decisivamente” de acordo com o contexto da declaração.

Para avaliar os **fatores cognitivos**, a escala adotada pretendeu entender as percepções dos estudantes em relação ao surgimento de uma nova ideia de negócio, tendo com premissa que os fatores cognitivos são formados a partir de operações mentais construídas a partir do conhecimento já existente (Ward, 2004). As escalas selecionadas foram as usadas por Baron, (2004) e Marques et al. (2010). Na tabela 1 estão apresentadas as variáveis que compõem este construto. Também nesta escala, todos os itens foram avaliados numa escala de 7 níveis de ponderação, onde 1 corresponde a “extremamente insignificante” e 7 corresponde a “Extremamente importante”, de acordo com o contexto da declaração.

Para medir a **praxe acadêmica** (ver Tabela 1), a escala deveria medir a percepção dos estudantes em relação a este ritual ao qual foram expostos de forma direta ou indireta, considerando que este ritual tem como ponto positivo a integração dos novos alunos e como ponto negativo a humilhações e submissão. Conforme Gist (1987), a autoeficácia é aumentada pela persistência, e indivíduos que se envolvem em atividades que exijam uma superação têm maior percepção de sua autoeficácia. A escala de medida utilizada foi adaptada de Allan, Kerschner, & Payne (2019). Também aqui, todos os itens foram avaliados uma escala de 7 níveis de ponderação, onde 1 corresponde a “extremamente concordo” e 7 corresponde a “extremamente discordo” de acordo com o contexto da declaração. (cf. Questionário em Anexo I). Neste contexto, 7 corresponde a "extremamente discordo", para refletir, exatamente como as outras escalas, o máximo de influência positiva.

Por fim, a **intenção empreendedora** foi medida procurando entender a intencionalidade do comportamento empreendedor dos estudantes. Estudar a intenção empreendedora é uma importante ferramenta para prever o comportamento empreendedor (Zampetakis, 2008). A escala de medida utilizada foi adaptada de Ferreira (2009). Na tabela 1 estão descritas as variáveis que fizeram parte deste construto. Nesta escala, os itens foram avaliados uma escala de 7 níveis de ponderação, onde 1 corresponde a “extremamente negativo” e 7 corresponde a “Extremamente positivo”.

Após ter sido efetuada a escolha das escalas, mediu-se a confiabilidade destas escalas, através do Alfa de Cronbach. O Alfa de Cronbach é uma medida estatística que permite testar a consistência interna das escalas (Cronbach, 1951), confirmando a validade do instrumento. A consistência interna, permite reprodutibilidade da escala (Marôco, 2010), onde o valor varia de 0 a 1, sendo os valores de 0,60 considerado o limite inferior de aceitabilidade e 0,70 para pesquisas exploratórias (Hair, Black, Babin, Anderson, & Tatham, 2010). Esta medição é classificada da seguinte forma Excelente ($\alpha > 0.9$), Boa ($0.7 < \alpha < 0.9$), Aceitável ($0.6 < \alpha < 0.7$), Pobre ($0.5 < \alpha < 0.6$), Inaceitável ($\alpha < 0.5$) (Kline, 2000).

Na tabela 1 também é possível visualizar, para cada um dos construtos e respectivas variáveis, o valor de Alfa de Cronbach. Da sua leitura, conclui-se que a confiabilidade das escalas é “excelente” para os construtos: Fatores Cognitivos, Intenção Empreendedora e Praxe

Académica com o valor de alfa de Cronbach superior 0.90 e “boa”, para os Fatores Psicológicos, pois este construto tem um valor de alfa de 0.874.

3.3. Recolha dos dados

Na recolha dos dados, foi utilizado um questionário (ver Anexo I) dirigido à amostra selecionada dos estudantes do primeiro ano (primeira inscrição no curso) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Beira da Interior, no ano letivo 2018-2019. Para Malhotra (2012), um questionário é um conjunto de perguntas padronizadas que garantem a comparabilidade dos dados, aumenta a velocidade e precisão no registo e facilita o processamento dos dados. De acordo com Foddy (1996), o questionário deve seguir o modelo TAP - Tópico, Aplicabilidade e Perspetiva. O Tópico deve ser claramente definido para que todos os inquiridos tenham uma compreensão clara do que é pretendido pelo questionário conforme razões de ordem teórica ou prática da pesquisa. A Aplicabilidade acarreta não solicitar informação de que os respondentes não disponham. A Perspetiva a adotar pelos respondentes deve ser especificada para que todos forneçam o mesmo tipo de resposta. Estas questões foram levadas em conta na organização da estrutura do questionário.

O presente questionário é constituído por cinco tópicos contendo cada uma delas diversas questões/variáveis: a questão 1 diz respeito aos dados gerais (sociodemográficos) do estudante; a questão 2 pretende aferir o posicionamento do estudante em relação A praxe académica; com a questão 3 pretendeu-se caracterizar a perceção dos fatores psicológicos dos estudantes; a questão 4 pretendeu aferir a intenção empreendedora e as motivações para empreender; e, finalmente, a questão 5 diz respeito aos fatores cognitivos que podem permitir a identificação de uma ideia de negócio.

Antes de administrar o questionário junto da amostra de estudantes selecionada, este foi sujeito a um pré-teste junto de 10 estudantes. Os questionários do pré-teste não foram integrados na amostra final. O pré-teste foi realizado em outubro de 2018. Após a confirmação de que o instrumento de coleta de dados estava livre de dúvidas e mal-entendidos, o questionário foi aplicado, não havendo necessidade de realização de outro pré-teste.

Procedeu-se a aplicação do questionário, em novembro de 2018, momento em que termina o processo de integração e socialização dos novos alunos na Faculdade aqui estudada. O questionário foi aplicado em sala de aula pelo investigador, com o objetivo de sensibilizar os estudantes da importância de responder corretamente às questões e sanar dúvidas que poderiam ocorrer no momento do preenchimento do mesmo.

O número de questionários respondidos pelos alunos dos vários cursos administrados nesta Faculdade foi de 321. Após um cuidadoso processo de triagem 53 questionários foram descartados, pois não respeitavam os pressupostos do estudo (valores ausentes), resultando em uma amostra final de 268 questionários.

3.4. Análise dos Dados

A primeira etapa efetuada relativamente à análise dos dados foi a verificação da existência de observações que se afastam da distribuição geral dos dados (*outliers*). É essencial detetar a sua presença antes de efetuar as análises estatísticas, pois estes podem influenciar ou reduzir as covariâncias entre as variáveis e esta influência pode traduzir-se nas estimativas de média, desvio-padrão e covariância, comprometendo a qualidade do ajustamento do modelo (Marôco, 2010).

Neste sentido, usando os procedimentos de verificação de *outliers*, foi verificado a existência de 10 *outliers*. Após a retirada destes, a amostra total final ficou nas 258 observações. Prosseguiu-se com a análise dos dados recorrendo às técnicas da *Estatística Descritiva* e da *Análise com Equações Estruturais* (AEE), utilizando para o efeito o Software *IBM SPSS* versão 25 e *IBM AMOS* versão 25.

Segundo Loehlin (2004), a AEE é uma técnica de modelação generalizada, utilizada para testar a validade de modelos teóricos que definem relações causais, hipotéticas, entre variáveis, tal como acontece no modelo apresentado nesta investigação. Estas relações são representadas por parâmetros que indicam a magnitude do efeito que as variáveis, ditas independentes, apresentam sobre outras variáveis, ditas dependentes, em um conjunto compósito de hipóteses respeitantes a padrões de associações entre variáveis no modelo. De acordo com Schumacker e Lomax (2004), a AEE é uma extensão dos modelos lineares generalizados que considera, de forma explícita, os erros de medida associada às variáveis sob estudo. Em termos mais simplistas, a AEE, pode ser descrita como uma combinação das técnicas clássicas de Análise Fatorial e de Regressão Linear.

O recurso a AEE nas ciências sociais e humanas deve-se sobretudo ao facto de os métodos tradicionais de análise nem sempre permitirem a avaliação de referenciais teóricos flexíveis (não diretamente mensuráveis), sem contaminação excessiva de erros estatísticos, resultantes da não validação dos pressupostos desses métodos. As escalas psicométricas e sociométricas são exemplos comuns de instrumentos que procuram operacionalizar variáveis ou constructos que não são diretamente mensuráveis (Fornell & Larcker, 1981).

Para Schumacker e Lomax (2004), a análise com equações estruturais apresenta várias vantagens, nomeadamente quando comparada com a análise de regressão múltipla. Por um

lado, é mais flexível quanto aos pressupostos de utilização (permitindo interpretação mesmo na presença de multicolineariedade), a utilização da Análise Fatorial Confirmatória (AFC) como forma de redução do erro de medição (uma vez que se utilizam vários indicadores para medir a mesma variável latente), a possibilidade de testar o modelo na sua totalidade em vez de testar cada coeficiente individualmente, a possibilidade de ter múltiplas variáveis dependentes, a possibilidade de incluir variáveis mediadoras, a possibilidade de modelar os termos do erro, entre outras. Segundo Hair et al. (2010), o que distingue esta técnica de outras técnicas multivariadas são basicamente duas características: a estimação de relações de dependência múltiplas e interrelacionadas e a capacidade de representar conceitos não observados nessas relações explicando o erro de medição no processo de estimação.

O processo de aplicação da AEE começa pela fundamentação teórica que justifica as escolhas de relações causais entre os diferentes constructos, isto é, identifica as variáveis latentes, especifica o modelo estrutural (relações entre variáveis latentes), identifica e caracteriza os indicadores que entram na formação ou são reflexo das variáveis estruturais e especifica o modelo observacional (de medida) que liga as variáveis indicadoras às estruturais (Schumacker e Lomax, 2004). O modelo é depois confirmado ou não pelos resultados da estimação do modelo estrutural com base em dados experimentais.

Nesta investigação, a avaliação foi realizada em duas etapas, seguindo Anderson e Gerbing (1988) e Loehlin (2004). Na primeira etapa, é avaliado o modelo de mensuração/medida (que trata da relação entre constructos e os seus indicadores) e utiliza-se a AFC para validação dos constructos hipotéticos através da Fiabilidade Compósita (FC), Análise da Variância Extraída (AVE) e validade discriminante. Na segunda etapa, valida-se o modelo estrutural (que revela a relação entre os constructos). Este modelo é validado através dos índices de ajustamento do modelo global e da significância e magnitude dos coeficientes das regressões estimadas.

Hair et al. (2010) sugerem ainda que a dimensão mínima da amostra deve considerar a complexidade do modelo e as características do modelo de medida, sugerindo que o tamanho amostra deva variar entre 150 e 400 observações. Assim sendo, nesta investigação a dimensão da amostra (258 observações) foi considerada adequada para o uso da técnica da AEE.

Depois de especificado o modelo, estima-se o modelo estrutural de AEE. Segundo Hair et al. (2010), para garantir que o modelo estrutural esteja especificado de forma correta e que os resultados sejam válidos é necessário seguir varias etapas: (1) desenvolvimento de um modelo teórico; (2) construção de um diagrama de caminhos de relações causais; (3) conversão do diagrama de caminhos no modelo estrutural; (4) escolha do tipo de matriz dos dados e estimação do modelo proposto; (5) avaliação da identificação do modelo estrutural; (6) avaliação dos critérios de qualidade do ajustamento; e (7) interpretação e modificação do modelo.

A fase da especificação dos modelos é uma das mais complexas da AEE, pois envolve o uso da teoria para justificar a especificação das relações de dependência, eventuais modificações ao modelo e outros aspectos da estimação dos modelos. Segundo Hair et al. (2010), é nesta fase que uma série de decisões devem ser tomadas, nomeadamente: (1) que variáveis manifestas operacionalizam que variáveis latentes; (2) que relações causais entre variáveis latentes e/ou variáveis manifestas devem ser incluídas/excluídas; (3) que associações (não causais) devem ser incluídas/omitidas do modelo; e (4) que erros ou resíduos devem ser correlacionados, para melhorar o ajustamento do modelo.

4. Resultados e Discussão

4.1. Caracterização Geral da Amostra

Apresenta-se na tabela 2 que segue a caracterização geral dos estudantes da amostra. Da análise desta tabela, salientam-se os fatos da maioria dos estudantes que responderam ao questionário terem até 21 anos (87,5%), e em sua maioria serem Portugueses (87,2%) e a predominância de estudantes do sexo feminino (57,9%).

Tabela 2 Caracterização da Amostra

Característica	N	%
<i>Género</i>		
Feminino	150	57,9
Masculino	104	39,9
Omissos	4	2,2
Total	258	100,0
<i>Curso</i>		
Ciências Políticas	39	13,7
Desporto	62	23,7
Economia	26	9,3
Gestão	49	19,3
Marketing	14	6,2
Psicologia	44	17,8
Sociologia	24	10,0
Total	258	100,0
<i>Idade</i>		
Até 21	232	87,5
21-23	15	7,8
24-26	5	1,9
Mais de 26	6	2,2
Total	258	100,0
<i>Nacionalidade</i>		
Angolana	1	2,8
Brasileira	22	7,8
Búlgara	1	0,3
Espanhola	1	0,6
Portuguesa	232	87,2
Romena	1	0,3
Total	258	100,0

4.2. Correlações entre as Dimensões

A tabela 3 que se segue evidencia as quatro variáveis (construídas a partir do valor da média dos itens da tabela1), que na tabela abaixo são designadas por construtos. Estas variáveis fazem parte do nosso modelo estrutural proposto e derivaram da média dos vários itens (variáveis) que lhe deram origem (cf. Tabela 1).

Tabela 3 Média, desvio padrão e matriz de correlação entre todas as dimensões

Dimensões	Média	Desvio	PSI	COG	IE	PX
PSI	5.11	0.821	1			
COG	5.99	0.836	0.193**	1		
IE	4.91	2.089	0.205**	0.153*	1	
PX	5.01	1.778	0.095	0.037	0.156*	1

N = 258

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades)

*. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades)

Da análise da tabela 3 constata-se que no geral os quatro construtos apresentam médias relativamente elevadas (superiores a 4.9). Tal facto permite concluir que o estudante tem perceção positiva principalmente nos fatores cognitivos e psicológicos, bem como da intenção empreendedora. Relativamente ao desvio padrão verifica-se que são relativamente baixos, com exceção do relativo ao construto intenção empreendedora (2.089) e da praxe académica (1.778), o que leva a concluir que não há grande dispersão dos dados face ao valor médio.

Na tabela 3 também se verifica a correlação entre o construtos, que tem por objetivo medir o grau de similaridade entre dois deles (Malhotra, 2011). Os resultados indicam (para um nível de significância de 5%), nomeadamente: intenção empreendedora com os fatores cognitivos (0.153) e praxe académica com a intenção empreendedora (0.156). Para o nível de significância 1%, encontramos: Fatores psicológico com os fatores cognitivos (0.193); e a intenção empreendedora com os fatores psicológicos (0.205). Verifica-se também que existem construtos sem correlação, nomeadamente, a praxe académica com os fatores psicológicos (0.095) e os fatores cognitivos (0.037).

4.3. Validação das Hipóteses

4.3.1. Pressupostos da Análise com Equações Estruturais (AEE)

A Análise com Equações Estruturais (AEE) baseia-se em um conjunto de pressupostos, cuja violação pode afetar a credibilidade dos resultados. A suposição de normalidade foi testada utilizando o coeficiente de Mardia e respectivo valor t (Hair et al., 2010), tendo-se verificado a existência de um achatamento multivariado significativo para um nível de significância de 0,05, rejeitando-se, portanto, a normalidade multivariada dos indicadores, tal como é demonstrado na análise que será feita com maior detalhe posteriormente. Como sugerido por Hair *et al.* (2010), a suposição de linearidade foi analisada através das Correlações de Pearson. Relações lineares significativas foram encontradas (nível de significância de 5%) entre algumas das variáveis, confirmando a suposição.

O fator de inflação da variância (VIF) e os valores de tolerância (T) são duas medidas que testam a existência de multicolinearidade. De acordo com Hair *et al.* (2010), $T > 0,1$ e $VIF < 10$ constituem indicação de baixo grau de multicolinearidade. Neste estudo, todos os indicadores calculados indicam baixo grau de multicolinearidade estando dentro dos limites especificados. Como já foi referido, os *outliers* foram identificados e eliminados.

Dado verificarem-se todos os pressupostos, a avaliação do modelo que relaciona os fatores psicológicos, fatores cognitivos, intenção empreendedora e praxe académica, foi feita com recurso à técnica da AEE, apresentada anteriormente. Segue-se a abordagem bietápica recomendada por Anderson e Gerbing (1988) e Loehlin (2004), em que primeiro se desenvolvem e avaliam os modelos de medida e seguidamente se analisa o modelo estrutural.

Os modelos de medida são avaliados quanto à sua fiabilidade e validade de constructo (Nunnally e Bernstein, 1994). A fiabilidade é avaliada através da fiabilidade individual dos indicadores, da fiabilidade do constructo e da variância extraída (Nunnally e Bernstein, 1994). A validade do constructo é aferida através da validade convergente (correlação positiva com outras medidas do mesmo conceito) e através da validade discriminante (a não correlação com medidas de conceitos supostamente diferentes) (Nunnally e Bernstein, 1994).

Em relação à suposição de normalidade, conforme Kline (2004) os valores absolutos de SK (assimetria uni variada) superiores a 3 e Ku (curtose) uni variada e multivariada superior a 10 indicam a violação do pressuposto da normalidade. Os resultados mostraram os valores de KU variando de -0,014 a 7,924 os valores de SK variando de -0.096 a -2.336 sugerindo que não há violação da suposição de normalidade univariada e multivariada.

4.3.2. Avaliação do modelo de medida - Etapa 1

Como referido, a AEE é uma técnica de modelação generalizada, utilizada para testar a validade de modelos teóricos que definem relações causais, hipóteses entre variáveis (Marôco, 2010), e tal técnica é seguida por duas etapas. A primeira etapa consiste numa análise fatorial confirmatória (CFA) - Ver Anexo II, para testar a validade do modelo de medição, aplicando o método verossemelhança, uma vez que é abordagem mais utilizada na análise de equações estruturais, devido a sua robustez (Hair et al., 2010), ou seja, testa se os dados se encaixam no modelo de medição hipotética.

O software (IBM SPSS AMOS, V.25.0) foi utilizado, gerando o relatório de medidas ajustadas, medida padrão, diagrama com medidas, entre outras saídas. A partir da análise, assume-se a validade do modelo de medição, uma vez que todas as variáveis observadas apresentam carga fatorial entre 0.566 e 0.985.

A validação convergente avalia o grau em que duas medidas do mesmo conceito estão correlacionadas. Para verificar a validade convergente, foi utilizado o critério proposto por Fornell & Larcker (1981) que indica validação convergente quando a Variância Média Extraída - AVE for superior a 50% (ou 40% no caso de pesquisas exploratórias, como aquela aqui desenvolvida) (Nunnally, et al., 1994) - Tabela 4.

A validação discriminante verifica o grau em que um construto é diferente dos demais. A validade discriminante é feita comparando a variância extraída (AVE) com variância compartilhada, de forma que a variância compartilhada entre os constructos não pode ser maior que suas respectivas variâncias extraídas.

Tabela 4 Pesos de regressão padronizada e variância média extraída

Variáveis Latentes	Variáveis Medidas	Loading	AVE		
Fatores Cognitivos (COG)	COG1	0,856	0,61		
	COG2	0,823			
	COG3	0,910			
	COG4	0,764			
	COG5	0,823			
	COG6	0,616			
	COG7	0,626			
Fatores Psicológicos (PSI)	PSI1	0,822	0,43		
	PSI2	0,788			
	PSI3	0,579			
	PSI4	0,742			
	PSI5	0,607			
	PSI6	0,556			
	PSI7	0,616			
	PSI10	0,584			
	PSI11	0,576			
	Intenção Empreendedora (IE)	IE1		0,700	0,83
		IE3		0,943	
IE4		0,964			
IE5		0,938			
IE6		0,985			
Praxe Académica (PX)		PX1	0,929	0,71	
	PX2	0,785			
	PX3	0,966			
	PX4	0,732			
	PX5	0,766			

Nota: As variáveis com loadings inferiores a 0,5 foram eliminadas

Finalmente, as medidas relativas, absolutas e de parcimónia estão resumidas na tabela 5. Os resultados mostram que todas as medidas calculadas são melhores que os valores limites geralmente recomendados, sugerindo que um bom modelo de ajustamento tenha sido atingido.

Na tabela 5 apresenta-se os resultados obtidos relativamente ao modelo de medida. Como se pode verificar está-se perante um modelo que apresenta um ajustamento global aceitável, para todos os valores normalmente aceites como razoável. No entanto, o valor do GFI (*Good*

of Fit Index ou Índice de qualidade de ajuste) é ligeiramente inferior a 0.90, mas mesmo assim aceita-se o modelo de medida global, conforme Marôco (2010).

Tabela 5 Modelo de Medição Ajustado

Ajustamento	Resultados	Literatura <i>Hair et al. (2010)</i>
GFI	0.882	Maior 0.9
RMSAE	0.047	Menor 0.08
IFI	0.97	Maior 0.9
TLI	0.966	Maior 0.9
CFI	0.97	Maior 0.9
PGFI	0.721	Maior 0.6
PNFI	0.814	Maior 0.6
PCFI	0.857	Maior 0.6

4.3.3. Validação do Modelo Estrutural Proposto - Etapa 2

Uma vez concluído o primeiro passo (validação do modelo de medida), procedeu-se à validação do modelo estrutural, a fim de estudar a pertinência das hipóteses formuladas. Para testar o quadro teórico completo de pesquisa, foi mantido o método de estimativa de máxima verossemelhança. De acordo com os resultados resumidos na tabela 6, este modelo também apresenta índices de ajustamento satisfatórios. Exceto o índice de qualidade do ajuste GFI, todos os índices de ajuste estão dentro dos limites aceitáveis, evidenciando forte evidências de adequação do modelo e, conseqüentemente, consistência interna e externa. Mesmo assim, o valor do GFI é considerado aceitável, pois estão muito próximos do valor de referência.

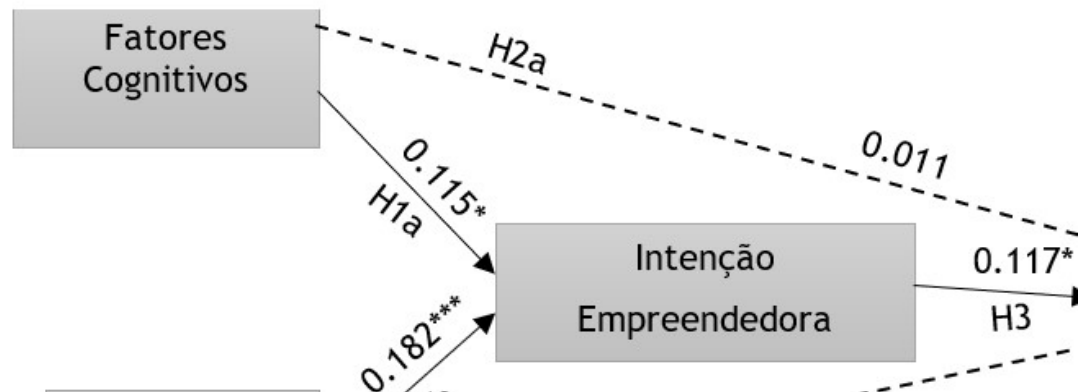
Tabela 6 - Modelo Ajustado

Ajustamento	Resultados	Literatura <i>Hair et al. (2010)</i>
GFI	0.880	Maior 0.9
RMSAE	0.048	Menor 0.08
IFI	0.969	Maior 0.9
TLI	0.965	Maior 0.9
CFI	0.969	Maior 0.9
PGFI	0.722	Maior 0.6
PNFI	0.816	Maior 0.6
PCFI	0.859	Maior 0.6

A figura 2 (o diagrama de caminhos e seus respectivos coeficientes) resume a relação entre os quatro construtos que compoem o modelo estrutural proposto: praxe acadêmica, intenção empreendedora, fatores psicológicos e fatores cognitivos.

Figura 2 Modelo Estrutural de Investigação com Coeficientes

Figura 2 Modelo Estrutural de Investigação com Coefic



Finalmente, na tabela 7 apresenta-se o resumo dos resultados encontrados na pesquisa.

Tabela 7 - Resultados Resumidos

PX- Praxe Acadêmica				
	Efeito Direto	Efeito Indireto	Efeito Total	IE
IE	0.117*	0	0.117	0
COG	0.011	0.013	0.024	0.115*
PSI	0.063	0.021	0.084	0.182***

*** < 0.01; ** < 0.05 e * < 0.10

Uma vez aceite o modelo estrutural, passa-se à interpretação do mesmo:

Para validar as hipóteses de investigação, *H1a: Os fatores cognitivos dos estudantes influenciam positivamente a sua intenção empreendedora* e *H1b: Os fatores psicológicos dos estudantes influenciam positivamente a sua intenção empreendedora*, verifica-se que os efeitos diretos são estatisticamente significativos dos fatores psicológicos e cognitivos na intenção empreendedora, onde o fator psicológico tem efeito direto de 0.182 com um nível de significância de 1% e os fatores cognitivos tem um efeito de 0.115 com significância a um nível de 10%. Tais influências já foram evidenciadas por diversos autores (e.g., Bateman &

Crant, 1993; Palich & Bagby, 1995; Chen, Greene, & Crick 1998; Ward, 2004; Mitchell et al., 2007; Rauch & Frese, 2007; Gelderen, 2016; Uy et al., 2015 e Baron, Mueller, et al., 2016).

A percepção das capacidades individuais dos estudantes como influenciadora na intenção empreendedora também foi evidenciado por Fernández-Pérez, Montes-Merino, Rodríguez-Ariza, & Galicia (2019), cujos seus achados demonstraram que o empreendedorismo em estudantes universitários é favorecido pelas competências emocionais, os autores sugerem que estudantes com maior grau de competências emocionais, terão uma atitude mais positiva para o empreendedorismo, no sentido que estes percebem-se mais capazes a se tornarem empreendedores.

Para validação das hipóteses *H2a: Os fatores cognitivos dos estudantes influenciam positivamente a sua integração na praxe acadêmica* e *H2b: Os fatores psicológicos dos estudantes influenciam positivamente a sua integração na praxe acadêmica*, com base nos resultados obtidos não se verificou efeitos diretos estatisticamente significativos dos fatores psicológicos e cognitivos na praxe acadêmica. Neste sentido, não foram confirmadas estas duas hipóteses de investigação. Este resultado pode estar ligado ao fato da praxe acadêmica ser considerada uma atividade compulsória. Deste modo os estudantes integram o ritual da praxe sem influência quer dos fatores cognitivos quer dos fatores psicológicos.

Por outro lado, embora a hipótese/relação não tenha sido confirmada, esta fortalece a investigação no sentido de evidenciar que nem todos os estudantes que participam da praxe têm os fatores psicológicos e cognitivos necessários para o empreendedorismo, pois alguns estudantes que participam deste ritual fazem-no unicamente pelo desejo de integração e socialização (e.g., Estanque 2016; Correia et al., 2018; Dias & Sá, 2013 e Mendes et al., 2013).

No entanto cabe ressaltar que as percepções de autoeficácia são importantes para o empreendedorismo, já que se trata de habilidades cognitivas, sociais, linguísticas e físicas complexas, que são desenvolvidas gradualmente através da experimentação (Bandura, 1982). Neste contexto, os resultados mostram que os fatores psicológicos e cognitivos não influenciam de imediato a praxe acadêmica, pois tais habilidades somente podem ser percebidas gradualmente no tempo. Contudo mesmo os resultados não suportando esta relação, a participação da praxe acadêmica pode ser vista como um “gatilho” para o desenvolvimento das *self* competências dos estudantes universitários.

Em relação à hipótese *H3: A Intenção empreendedora influencia positivamente a integração dos estudantes na praxe acadêmica*, verifica-se que a a intenção empreendedora dos estudantes tem um efeito na integração destes estudantes na praxe acadêmica. Verifica-se que o efeito direto estatisticamente significativo da intenção empreendedora na Praxe acadêmica (efeito direto de 0.117 com significância maior que 0.010) permite confirmar esta

última hipótese de investigação. Este resultado é portanto inovador, pois apesar de Liñán et al. (2011) e Correia et al. (2018) utilizaram a teoria do comportamento planeado para estudar a intenção empreendedora e a praxe académica, Liñán et al. (2011) estudaram somente a intenção empreendedora e Correia et al. (2018) unicamente a praxe académica. Em nenhum dos dois estudos se relacionou estes dois construtos.

Com base na tabela 7 também se verifica o efeito indireto dos fatores psicológicos na relação entre a intenção empreendedora e a praxe académica. Este efeito é suportado pela literatura, ou seja, o empreendedor deve ser provido de características individuais positivas como: energia, paixão, otimismo, autoeficácia, autoconfiança, necessidade de realização, poder, autonomia e necessidade de controlo (Miller, 2015). Em relação à praxe académica, também se evidencia que os indivíduos são expostos a situações de humilhação e submissão (Frias, 2003), assim, os estudantes que se envolvam nesta prática tem melhor perceção dos seus fatores psicológicos.

5. Conclusões e Implicações

5.1. Conclusões Gerais

Os objetivos definidos para o presente estudo foram três: (1) analisar se os fatores psicológicos e cognitivos dos estudantes universitários influenciam a intenção empreendedora, (2) analisar se os fatores psicológicos e cognitivos influenciam a integração dos estudantes na praxe acadêmica e (3) avaliar o efeito que a intenção empreendedora pode ter na integração da praxe acadêmica. Para alcançar estes objetivos, recorreu-se a um estudo de natureza quantitativa que incidiu numa amostra de estudantes do primeiro ano dos diversos cursos que fazem parte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Beira do Interior. Os dados foram recolhidos através de um questionário e, posteriormente, analisados com o recurso à estatística descritiva e a modelos de equações estruturais. A Análise de Equações Estruturais (AEE) foi selecionada por ser uma técnica de modelagem generalizada, utilizada para testar a validade de modelos teóricos que definem relações causais, hipotéticas, entre variáveis (Marôco, 2010).

Com a realização deste estudo concluiu-se que os fatores cognitivos e psicológicos dos estudantes influenciam positivamente a sua intenção empreendedora. Esta relação estatisticamente significativa já foi comprovada por diversos autores (e.g., Bateman & Crant, 1993; Palich & Bagby, 1995; Chen, Greene, & Crick 1998; Ward, 2004; Mitchell et al., 2007; Rauch & Frese, 2007; Gelderen, 2016; Uy et al., 2015 e Baron, Mueller, et al., 2016).

Em relação ao segundo objetivo, que procurava avaliar a influência dos fatores psicológicos e cognitivos na integração dos estudantes na praxe acadêmica, não foram verificados efeitos diretos estatisticamente significativos destes fatores na praxe acadêmica. Embora esta relação não tenha sido confirmada, esta fortalece a investigação no sentido de evidenciar que nem todos os estudantes que participam da praxe têm os fatores psicológicos e cognitivos necessários para o empreendedorismo, pois alguns estudantes que participam neste ritual fazem-no unicamente pelo desejo de integração e socialização (e.g., Estanque 2016; Correia et al., 2018; Dias & Sá, 2013 e Mendes et al., 2013).

Finalmente concluiu-se ainda que existe uma influência positiva da intenção empreendedora na praxe acadêmica dos estudantes universitários. Também se verificou o efeito indireto dos fatores psicológicos nesta relação entre a intenção empreendedora e a praxe. Assim, podemos concluir que os estudantes que têm uma intenção empreendedora mais forte percebem positivamente a sua integração e participação na praxe acadêmica. Esta relação é importante, já que o fortalecimento da percepção de suas *self* competências (por exemplo, o

comportamento autoeficácia, autoconfiança, entre outros) podem fortalecer as capacidades empreendedoras nos jovens estudantes, que são “peças” fundamentais para o desenvolvimento económico, a partir da disseminação do trabalho autónomo e da criação de novas empresas (Glinskiene & Petuskiene, 2011).

5.2. Implicações Teóricas e Práticas

Como contribuições deste estudo para a teoria realça-se o avanço do conhecimento na área da intenção empreendedora que é uma área consolidada de pesquisa no domínio do empreendedorismo, e cuja sua consolidação ocorreu na década de 1990, com a publicação de várias contribuições-chave, onde os modelos de intencionalidade empreendedora continuam a atrair a sua atenção (Fayolle & Liñán, 2014). Neste sentido, esta investigação teve o propósito de inserir um novo e inovador construto (praxe académica) em modelos de intenção empreendedora em contexto de estudantes universitários. Quanto é do nosso conhecimento, é a primeira vez que este construto é aplicado a modelos de intenção empreendedora em contexto universitário.

Relativamente às implicações do estudo para a prática, evidencia-se um número crescente de graduados que têm atividades profissionais em uma área que não estão diretamente relacionadas à sua formação académica, logo aqueles podem considerar o empreendedorismo como uma solução atrativa (Rodrigues et al., 2019) e, desta forma, este fenómeno é essencial para o desenvolvimento económico (Glinskiene & Petuskiene, 2011) dos países e regiões. Por conseguinte, este estudo apresenta *insights* em relação ao perfil dos alunos com maior probabilidade de traduzir as suas intenções em ações empreendedoras.

Por outro lado, os estudantes que participam na praxe académica são aspirantes promissores para o empreendedorismo, devido às aptidões que desenvolvem ao participar neste tipo de ritual de integração académica. Algumas habilidades como a tolerância, o estresse, personalidade pró-ativa e autoeficácia podem ser fortemente desenvolvidas.

Estas habilidades podem explicar a intenção empreendedora, onde a atitude pessoal e o controlo comportamental percebido podem ser fatores relevantes para o empreendedorismo (Liñán, Rodríguez-Cohard, & Rueda-Cantuche, 2011). Neste sentido, quanto mais estas habilidades forem desenvolvidas nos estudantes universitários, maior será a possibilidade destes se tornarem empreendedores de sucesso.

Os resultados deste estudo sugerem ainda que os estudantes que participam na praxe académica são indivíduos que conseguem pensar fora da “caixa”, competência fundamental para o empreendedorismo (Baron, 2004). Os estudantes percebem o ritual da praxe como uma oportunidade de integração, ao invés de perceber os seus efeitos negativos, ou seja, são

indivíduos que percebem o contexto onde estão inseridos de forma positiva; veem a praxe académica como oportunidade ao invés de ameaças. Deste modo, sugere-se que os governantes e responsáveis pelas universidades e outros tipos de instituições do ensino superior, percebam a potencialidade deste ritual (praxe académica) como ferramenta, para o desenvolvimento de habilidades pessoais dos estudantes, que podem oportunizar o desenvolvimento económico.

5.3. Limitações e Sugestões para o Futuro

Este estudo não esteve isento de limitações. A principal limitação deste estudo prende-se com o fato de apenas ter sido estudado uma única Faculdade de uma universidade do interior do país (UBI). Apesar da dimensão da amostra ter sido bastante representativa poderá não representar toda a população, pois se restringem a estudantes da área das ciências sociais e humanas. Deste modo, as conclusões desta investigação seriam ainda mais robustas se a dimensão da amostra/população fosse maior e abrangesse todas as áreas do conhecimento. Também como limitação evidencia-se na inviabilidade empírica de aplicar um estudo que considere todas as variedades de quadros teóricos e modelos e teorias em relação à intenção empreendedora existentes na literatura (Alferaih, 2017).

Face ao exposto sugere-se que no futuro se realize investigações em uma amostra de maiores dimensões, envolvendo estudantes das mais diversas áreas científicas, quer em universidades a nível nacional quer internacional. Deste modo, este tipo de estudos possibilitará a aplicação do modelo aqui proposto em diferentes cenários, viabilizando a sua comprovação empírica. Também se sugere a repetição deste estudo, com a introdução de mais variáveis psicológicas e cognitivas, de acordo com os diversos autores estudados, e de novos fatores que possam eventualmente surgir.

No futuro também poderá ser realizado um estudo longitudinal, na população aqui investigada, com o objetivo de avaliar a evolução e perceção dos fatores psicológicos e cognitivos na intenção empreendedora.

Outra sugestão de pesquisa futura será investigar, recorrendo a metodologias qualitativas, a perceção dos empreendedores de sucesso portugueses em relação à praxe académica. Com este tipo de estudo procurar-se-á perceber se a praxe académica contribui para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras, tais como: liderança, inovação, *networking*, criatividade e resolução de problemas, entre outras.

Por último, foi desejo que esta investigação, inovadora ao considerar a Praxe Académica como um sinalizador de potenciais empreendedores, possa estimular outros estudos que

permitam melhor compreender a influência da intenção empreendedora neste ritual acadêmico nos estudantes do ensino superior.

Bibliografia

Adaman, F., & Devine, P. (2002). A Reconsideration of the Theory of Entrepreneurship: a participatory approach. *Review of Political Economy*, 14(3), 37-41.

Afonso, T. J. M. (2012). *Transição e Adaptação ao Ensino Superior: Vivências académicas e Identidade Vocacional*. Covilhã.

Ajzen, I. (1991). The Theory of Planned Behavior. *Organizational behavior and human decision processes*, 50(2), 179-211.

Alferaih, A. (2017). Weight- and meta-analysis of empirical literature on entrepreneurship: Towards a conceptualization of entrepreneurial intention and behaviour. *International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, 18(3), 195-209.

Allan, E. J., Kerschner, D., & Payne, J. M. (2019). College Student Hazing Experiences, Attitudes, and Perceptions: Implications for Prevention. *Journal of Student Affairs Research and Practice*, 56(1), 32-48.

Anderson, J., & Gerbing, D. (1988), Structural equation modeling in practice: a review and recommended two-step approach, *Psychological Bulletin*, 103 (3), 411-423.

Bandura, A. (1977). Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. *Advances in Behaviour Research and Therapy*, 1(4), 139-161.

Bandura, A. (1978). Social Learning Theory of Aggression. *Journal of Communication*, 28(3), 12-29.

Bandura, A. (1982). Self-efficacy mechanism in human agency. *American Psychologist*, 37(2), 122-147.

Baron, R. A. (2004). The cognitive perspective: A valuable tool for answering entrepreneurship's basic «why» questions. *Journal of Business Venturing*, 19(2), 221-239.

Baron, R. A., Franklin, R. J., & Hmieleski, K. M. (2016). Why Entrepreneurs Often Experience Low, Not High, Levels of Stress: The Joint Effects of Selection and Psychological Capital. *Journal of Management*, 42(3), 742-768.

Baron, R. A., Mueller, B. A., & Wolfe, M. T. (2016). Self-efficacy and entrepreneurs' adoption of unattainable goals: The restraining effects of self-control. *Journal of Business Venturing*, 31(1), 55-71.

- Bateman, T. S., & Crant, M. J. (1993). The Proactive Component of Organizational Behavior : A Measure and Correlates. *Journal of Organizational Behavior*, 14, 103-118.
- Bernardino, S., & Santos, J. F. (2017). Local development through social and territorial innovation: An exploratory case study. CIRIEC-España, *revista de economía pública, social y cooperativa*, (90), 159.
- Bird, B. (1988). Implementing Entrepreneurial Ideas: The Case for Intention. *Academy of Management Review*, 13(3), 442-453.
- Böheim, R., Stiglbauer, A., & Winter-Ebmer, R. (2009). On the persistence of job creation in old and new firms. *Economics Letters*, 105(1), 17-19.
- Boyd, N. G., & Vozikis, G. S. (1994). The Influence of Self-Efficacy on the Development of Entrepreneurial Intentions and Actions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 18(4), 63-77.
- Brandstätter, H. (2011). Personality aspects of entrepreneurship: A look at five meta-analyses. *Personality and Individual Differences*, 51(3), 222-230.
- Caldeira, S. N., Silva, O., Mendes, M. & Botelho, S. P. (2015). Hazing practices in higher education: a study with portuguese students. *International Journal of Current Research*, 7(04): 15444-15447.
- Campo, S., Poulos, G., & Sipple, J. W. (2005). Prevalence and profiling: Hazing among college students and points of intervention. *American Journal of Health Behavior*, 29(2), 137-149.
- Cardon, M. S., & Kirk, C. P. (2015). Entrepreneurial Passion as Mediator of the Self-Efficacy to Persistence Relationship. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 39(5), 1027-1050.
- Chen, C. C., Greene, P. G., & Crick, A. (1998). Does entrepreneurial self-efficacy distinguish entrepreneurs from managers? *Journal of Business Venturing*, 13(4), 295-316.
- Chen, S. C., & Elston, J. A. (2013). Entrepreneurial motives and characteristics: An analysis of small restaurant owners. *International Journal of Hospitality Management*, 35, 294-305.
- Correia, I., Alves, D., Jarego, M., Lopes, K., Diana, R., Abrantes, L., ... Timoteo, M. (2018). Ser ou não ser praxado? A teoria da ação planeada como modelo para compreender a participação dos caloiros na praxe académica. *Psychologica*, 61(2), 69-91.
- Cronbach, L. J. (1951). Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika*, 16(3), 297-334.

Davidsson, P. (1995). Determinants of entrepreneurial intentions. Em *RENT IX Workshop*. Piacenza.

Dias, D., & Sá, M. J. (2013). Rituais de transição no ensino superior português: a praxe enquanto processo de reconfiguração identitária. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, 21, 21-34.

Dias, D., & Sá, M. J. (2014). Initiation rituals in university as lever for group cohesion. *Journal of Further and Higher Education*, 38(4), 447-464.

Do, B. R., & Dadvari, A. (2017). The influence of the dark triad on the relationship between entrepreneurial attitude orientation and entrepreneurial intention: A study among students in Taiwan University. *Asia Pacific Management Review*, 22(4), 185-191.

Estanque, E. (2016). *Praxe e tradições académicas*. Lisboa. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Estanque, E. (2017). A práxis do trote: breve etnografia histórica dos rituais estudantis de Coimbra. *Sociologia & Antropologia*, 7(2), 429-458.

Fávero, M., Pinto, S., Ferreira, F., Machado, F., & Del Campo, A. (2018). Hazing Violence: Practices of Domination and Coercion in Hazing in Portugal. *Journal of Interpersonal Violence*, 33(11), 1830-1851.

Fayolle, A., & Liñán, F. (2014). The future of research on entrepreneurial intentions. *Journal of Business Research*, 67(5), 663-666.

Fernández-Pérez, V., Montes-Merino, A., Rodríguez-Ariza, L., & Galicia, P. E. A. (2019). Emotional competencies and cognitive antecedents in shaping student's entrepreneurial intention: the moderating role of entrepreneurship education. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 15(1), 281-305.

Ferreira, M. A. A. F. (2009). *Os Contributos do Yoga para o Potencial Empreendedor dos Estudantes Universitários*. Universidade do Porto.

Fishbein, M., & Ajzen, I. (1977). Attitude-Behavior Relations: A Theoretical Analysis and Review of Empirical Research. *Psychological Bulletin*, 84, 888-918.

Foddy, W. (1996). *Como perguntar: teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*. Lisboa: Celta.

Fölster, S. (2000). Do Entrepreneurs Create Jobs? *Small Business Economics*, 14(2), 137-148.

- Fornell, C., & Larcker, D. (1981), Evaluating structural equation models with unobserved variables and measurement error, *Journal of Marketing Research*, 18 (1), 39-50.
- Franco, M., Haase, H., & Lautenschlager, A. (2010). Students' entrepreneurial intentions: an inter-regional comparison. *Education Training*, 52(4), 260-275.
- Frias, A. (2003). Praxe académica e culturas universitárias em Coimbra. Lógicas das tradições e dinâmicas identitárias. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (66), 81-116.
- Gaglio, C. M., & Katz, J. A. (2001). The Psychological Basis of Opportunity Identification: Entrepreneurial Alertness. *Small Business Economics*, 16, 95-111.
- Gartner, W. B. (1985). A Conceptual Framework for Describing the Phenomenon of New Venture Creation. *The Academy of Management Review*, 10(4), 696-706.
- Gartner, W. B. (1993). Words lead to deeds: Towards an organizational emergence vocabulary. *Journal of Business Venturing*, 8(3), 231-239.
- Gelderens, M. Van. (2016). Entrepreneurial Autonomy and its Dynamics. *Applied Psychology*, 65(3), 541-567.
- Geldhof, G. J., Weiner, M., Agans, J. P., Mueller, M. K., & Lerner, R. M. (2014). Understanding Entrepreneurial Intent in Late Adolescence: The Role of Intentional Self-Regulation and Innovation. *Journal of Youth and Adolescence*, 43(1), 81-91.
- Gist, M. E. (1987). Self-Efficacy: Implications for Organizational Behavior and Human Resource Management. *Academy of Management Review*, 12(3), 472-485.
- Glinskiene, R., & Petuskiene, E. (2011). The Incentive of Entrepreneurship as the Force of Country's Economic Development. *Economics and Management*, 16: 179-188.
- Gorgievski, M. J., & Stephan, U. (2016). Advancing the Psychology of Entrepreneurship: A Review of the Psychological Literature and an Introduction. *Applied Psychology*, 65(3), 437-468.
- Grimm, M., & Paffhausen, A. L. (2015). Do interventions targeted at micro-entrepreneurs and small and medium-sized firms create jobs? A systematic review of the evidence for low and middle income countries. *Labour Economics*, 32, 67-85.
- Hair, J.; Black, B.; Babin, B.; Anderson, R.; Tatham, R. (2010), *Multivariate Data Analysis*, Pearson Prentice Hall, New Jersey, EUA.

Hmieleski, K. M., & Corbett, A. C. (2006). Proclivity for improvisation as a predictor of entrepreneurial intentions. *Journal of Small Business Management*, 44(1), 45-63.

Hmieleski, K. M., & Lerner, D. A. (2016). The Dark Triad and Nascent Entrepreneurship: An Examination of Unproductive versus Productive Entrepreneurial Motives. *Journal of Small Business Management*, 54, 7-32.

Jímez Coronado, A., Hernández Palma, H., & Redondo, R. P. (2018). Emprendimiento social y su repercusión en el desarrollo económico desde los negocios inclusivos. *Revista Logos Ciencia & Tecnología*, 10(2), 198-211.

Johnson, J. (2011). Through the liminal: A comparative analysis of communitas and rites of passage in sport hazing and initiations. *Canadian Journal of Sociology*, 36(3), 199-227.

Karabulut, A. T. (2016). Personality Traits on Entrepreneurial Intention. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 229, 12-21.

Keating, C. F., Pomerantz, J., Pommer, S. D., Ritt, S. J. H., Miller, L. M., & McCormick, J. (2005). Going to college and unpacking hazing: A functional approach to decrypting initiation practices among undergraduates. *Group Dynamics*, 9(2), 104-126.

Kirby, S. L., & Wintrup, G. (2002). Running the gauntlet: An examination of initiation/hazing and sexual abuse in sport. *Journal of Sexual Aggression*, 8(2), 49-68.

Kline, P. (2000), *The handbook of psychological testing*. Routledge, London.

Kline, R.B. (2004), *Principles and practice of structural equation modeling*. Guilford Press, New York.

Krueger, Jr., N. F., & Brazeal, D. V. (1994). Entrepreneurial Potential and Potential Entrepreneurs. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 7(2), 91-104.

Krueger, N. F., Reilly, M. D., & Carsrud, A. L. (2000). Competing models of entrepreneurial intentions. *Journal of Business Venturing*, 15(5-6), 411-432.

Lent, R. W., & Hackett, G. (1987). Career self-efficacy: Empirical status and future directions. *Journal of Vocational Behavior*, 30(3), 347-382.

Liñán, F., & Santos, F. J. (2007). Does Social Capital Affect Entrepreneurial Intentions?, *International Advances in Economic Research*, 13(4), 443-453.

- Liñán, F. (2008). Skill and value perceptions: How do they affect entrepreneurial intentions? *International Entrepreneurship and Management Journal*, 4(3), 257-272.
- Liñán, F., & Chen, Y.-W. (2009). Development and Cross-Cultural Application of a Specific Instrument to Measure Entrepreneurial Intentions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(3), 593-617.
- Liñán, F., Rodríguez-Cohard, J. C., & Rueda-Cantucho, J. M. (2011). Factors affecting entrepreneurial intention levels: A role for education. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 7(2), 195-218.
- Loehlin, J. (2004), *Latent Variable Models: An Introduction to Factor, Path, and Structural Equation Analysis*, Mahwah, Lawrence Erlbaum Associates, Inc., New Jersey, EUA.
- Lopes, J. T., & Sebastião, J. (2017). *A praxe como fenómeno social - relatório final*. Porto.
- Malhotra, N. K. (2011). *Pesquisa de marketing: foco na decisao*. Bookman, Porto Alegre.
- Malhotra, N. K. (2012). *Pesquisa de Marketing-: Uma Orientação Aplicada*. Bookman, Porto Alegre.
- Marôco, J. (2010). *Análise de Equações Estruturais: Fundamentos teóricos, Software & Aplicação*. PSE Produtos e Serviços de Estatística, Lda.
- Marques, C. S., Ferreira, J., Rodrigues, R. G., & Ferreira, M. (2010). The contribution of yoga to the entrepreneurial potential of university students: A SEM approach. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 7(2), 255-278.
- Martins, F. S., Santos, E. B. A., & Silveira, A. (2019). Intenção Empreendedora: Categorização, Classificação de Construtos e Proposição de Modelo. *viewBrazilian Business Review*, 15, 1-17.
- McClelland, D. (1965). N Achievement and entrepreneurship: A longitudinal study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1(4), 389-392.
- Mendes, J. M., Duarte, M., Araújo, P., & Lopes, R. (2013). Violência e relações de intimidade no ensino superior em Portugal: representações e práticas. *Revista Teoria & Sociedade*, 21.2, 87-112.
- Miller, D., Kets de Vries, M., & Toulouse, J. . (1982). Top Executive Locus of Control and Its Relationship to. *Academy of Management Journal*, 25(2), 237-253.

Miller, D. (2015). A downside to the entrepreneurial personality? *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 39(1), 1-8.

Mitchell, R. K., Busenitz, L. W., Bird, B., Gaglio, C. M., McMullen, J. A., Morse, E. A., & Smith, J. B. (2007). The Central Question in Entrepreneurial Cognition Research 2007. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 1-27.

Mouraz, A., & Sousa, A. (2015). An Institutional Approach to First-Year Adjustment. *Journal of Hispanic Higher Education*, 15(3), 221-239.

Neves, S. P., & Faria, L. (2009). Auto-conceito e auto-eficácia: semelhanças, diferenças, inter-relação e influência no rendimento escolar. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 206-218.

Nunnally, J., & Bernstein, I. (1994). *Psychometric Theory*, McGraw Hill, New York, EUA.

Oliveira, C. S., Villas-Boas, S., & Heras, S. Las. (2016). Assédio no ritual da praxe académica numa universidade pública Portuguesa. *Sociologia, Problemas e Praticas*, 80.

Palich, L. E., & Bagby, D. (1995). Using cognitive theory to explain risk taking. *Journal of Business Venturing*, 10, 425-438.

Pechorro, P., Caramelo, V., Oliveira, J. P., Nunes, C., Curtis, S. R., & Jones, D. N. (2019). The Short Dark Triad (SD3): Adaptation and Psychometrics among At-Risk Male and Female Youths. *Deviant Behavior*, 40(3), 273-286.

Raalte, J. L. Van, Cornelius, A. E., & Brewer, B. W. (2000). The Relationship Between Hazing and Team Cohesion. *Journal of Sport Behavior*, 30(4), 491-507.

Rauch, A., & Frese, M. (2007). Let's put the person back into entrepreneurship research: A meta-analysis on the relationship between business owners' personality traits, business creation, and success. *European Journal of Work and Organizational Psychology*, 16(4), 353-385.

Reis, E., Melo, P., Andrade, R., & Capapez, T. (2006). *Estatística aplicada*. Edições Sílabo, Lisboa, Portugal.

Rodrigues, R., Marques, C. S., Esteves, D., Brás, R., Santos, G., Gouveia, A., ... Pinheiro, P. (2019). Physical activity level as a booster of entrepreneurial intention: a social innovation approach. *International Review on Public and Nonprofit Marketing*.

- Roy, R., Akhtar, F., & Das, N. (2017). Entrepreneurial intention among science & technology students in India: extending the theory of planned behavior. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 13(4), 1013–1041.
- Saeed, S., Yousafzai, S. Y., & Yani-De-Soriano, M. (2015). The role of organizational and institutional factors in the formation of entrepreneurial intention of university students: A multi-level perspective Abstract. *Journal of Small Business Management*, 53(4), 1127-1145.
- Santos, F. J., Roomi, M. A., & Liñán, F. (2016). About Gender Differences and the Social Environment in the Development of Entrepreneurial Intentions. *Journal of Small Business Management*, 54(1), 49–66.
- Schumacker, R., & Lomax, R. (2004), *A Beginner's Guide to Structural Equation Modeling*, Lawrence Erlbaum Associates, Inc., New Jersey, EUA.
- Schumpeter, J. A. (1961). *Teoria do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.
- Sexton, D. L., & Bowman, N. (1985). the Entrepreneur : a Capable Executive and More. *Journal of Business Venturing*, 129-140.
- Shane, S. (2000). Prior Knowledge and the Discovery of Entrepreneurial Opportunities. *Organization Science*, 11(4), 448-469.
- Shapero, A., & Sokol, L. (1982). The social dimensions of entrepreneurship. In C. A. Kent, D. L. Sexton, & K. H. Vesper (Eds.). *Encyclopedia of entrepreneurship*. Englewood cliffs, (pp. 72-90). New York: NJ: Prentice-Hall.
- Shirokova, G., Osiyevskyy, O., & Bogatyreva, K. (2016). Exploring the intention-behavior link in student entrepreneurship: Moderating effects of individual and environmental characteristics. *European Management Journal*, 34(4), 386-399.
- Silva Veiga, H. M., Demo, G., & Neiva, E. R. (2017). The psychology of entrepreneurship. Em *Organizational Psychology and Evidence-Based Management: What Science Says about Practice* (pp. 135-155).
- Tang, J, Tang, Z, & Lohrke, F. t. (2008).Developing an entrepreneurial typology: the roles of entrepreneurial alertness and attributional style. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 4(3): 273-294.

- Uy, M. A., Chan, K. Y., Sam, Y. L., Ho, M. ho R., & Chernyshenko, O. S. (2015). Proactivity, adaptability and boundaryless career attitudes: The mediating role of entrepreneurial alertness. *Journal of Vocational Behavior*, 86, 115-123.
- Ward, T. B. (2004). Cognition, creativity, and entrepreneurship. *Journal of Business Venturing*, 19(2), 173-188.
- Wood, R., & Bandura, A. (1989). Social Cognitive Theory of Organizational Management University of New South Wales. *Academy of Management Review*, 14(3), 361-384.
- Wu, W., Wang, H., Zheng, C., & Wu, Y. J. (2019). Effect of Narcissism, Psychopathy, and Machiavellianism on Entrepreneurial Intention—The Mediating of Entrepreneurial Self-Efficacy. *Frontiers in Psychology*, 10(February), 1-14.
- Zampetakis, L. A. (2008). The role of creativity and proactivity on perceived entrepreneurial desirability. *Thinking Skills and Creativity*, 3(2), 154-162.
- Zellweger, T., Sieger, P., & Halter, F. (2011). Should I stay or should I go? Career choice intentions of students with family business background. *Journal of Business Venturing*, 26(5), 521-536.
- Zhang, Y., Cui, L., Zhang, G., Sarasvathy, S., & Anusha, R. (2019). An Exploratory Study of Antecedents of Entrepreneurial Decision-Making Logics: The Role of Self-Efficacy, Optimism, and Perspective Taking. *Emerging Markets Finance and Trade*, 55(4), 781-794.

ANEXO I - QUESTIONÁRIO

Este questionário objetivo analisar a integração dos alunos do 1º ano na FCSH/UBI no ano letivo 2018/2019.

Pretende-se agora, passados dois meses, saber como correu este período e também analisar atitude empreendedora.

É muito importante conhecermos a sua experiência para que a FCSH/UBI possam melhorar o processo de integração dos novos alunos. Não há questões certas nem erradas, trata-se da sua opinião e experiência, pelo que apelamos à sua sinceridade.

Curso: _____

Idade: _____ anos

Nacionalidade: _____



1. Indique como se posiciona relativamente ao seguinte grupo de afirmações.	Extremamente Concordo	Moderadamente Concordo	Pouco Concordo
A praxe NÃO é uma maneira eficaz de criar vínculo	1	2	3
A Praxe é um problema na FCSH	1	2	3
A Praxe NÃO é uma maneira eficaz de iniciar novos membros	1	2	3
A Praxe é um problema porque pode causar danos físicos	1	2	3
A Praxe é um problema porque pode causar danos emocionais	1	2	3

2. Em que medida estas questões se aplicam a si:	Nunca	Moderadamente	Um pouco
Sente autoconfiança nas suas capacidades pessoais?	1	2	3
Enfrenta as dificuldades de forma animada e otimista?	1	2	3
Gosta de tomar a iniciativa em situações complexas ou delicadas?	1	2	3
Sente curiosidade para conhecer temas novos ou maneiras diferentes de atuar?	1	2	3
Tem autodisciplina na hora de levar a cabo um trabalho?	1	2	3
Sente-se estimulado perante novos desafios?	1	2	3
Tem predisposição para assumir riscos?	1	2	3
Dedica o tempo necessário para fazer bem um trabalho ou levar por diante um projeto?	1	2	3
Considera-se uma pessoa perseverante?	1	2	3

3. Já alguma vez pensou em criar sua própria empresa?	Nunca	Um pouco	Moderadamente
	1	2	3

4. Se já considerou a possibilidade de vir a criar o seu próprio emprego/empresa, responda ao seguinte grupo de afirmações: (Do c

Em que medida as seguintes afirmações/razões são pertinentes para si relativamente à criação dum negócio?	Extremamente Insignificante	Moderadamente Insignificante	Pouco Insignificante
Para continuar a aprender e crescer como pessoa	1	2	3
Para me realizar pessoalmente	1	2	3
Para dirigir e motivar terceiros	1	2	3
Para me estimular através do desafio	1	2	3

5. Na sua perspetiva, quais as fontes que podem levar ao surgimento duma ideia de negócio?	Extremamente Insignificante	Moderadamente Insignificante	Pouco Insignificante

ANEXO II - AFC

